

Leonardo Berté Nunes

GEOGRAFIA E CIBERESPAÇO

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES


EDITORA
SCHREIBEN

LEONARDO BERTÉ NUNES

GEOGRAFIA E CIBERESPAÇO

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES



EDITORA
SCHREIBEN

2023

© Do autor - 2023
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: P-H.a.i_Analog - Freepik.com
Revisão: o autor
Livro publicado em: 04/10/2023

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (UFPeL)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Valdenildo dos Santos (UFMS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N972g Nunes, Leonardo Berté
Geografia e ciberespaço: algumas contribuições e reflexões. / Leonardo Berté Nunes. – Itapiranga : Schreiben, 2023.
66 p. : il. ; e-book.

E-book no formato PDF.
ISBN: 978-65-5440-180-7
DOI: 10.29327/5318450

1. Geografia - fenomenologia. 2. Geografia - ciberespaço. 3. Ensino à distância. I. Título.

CDU 91

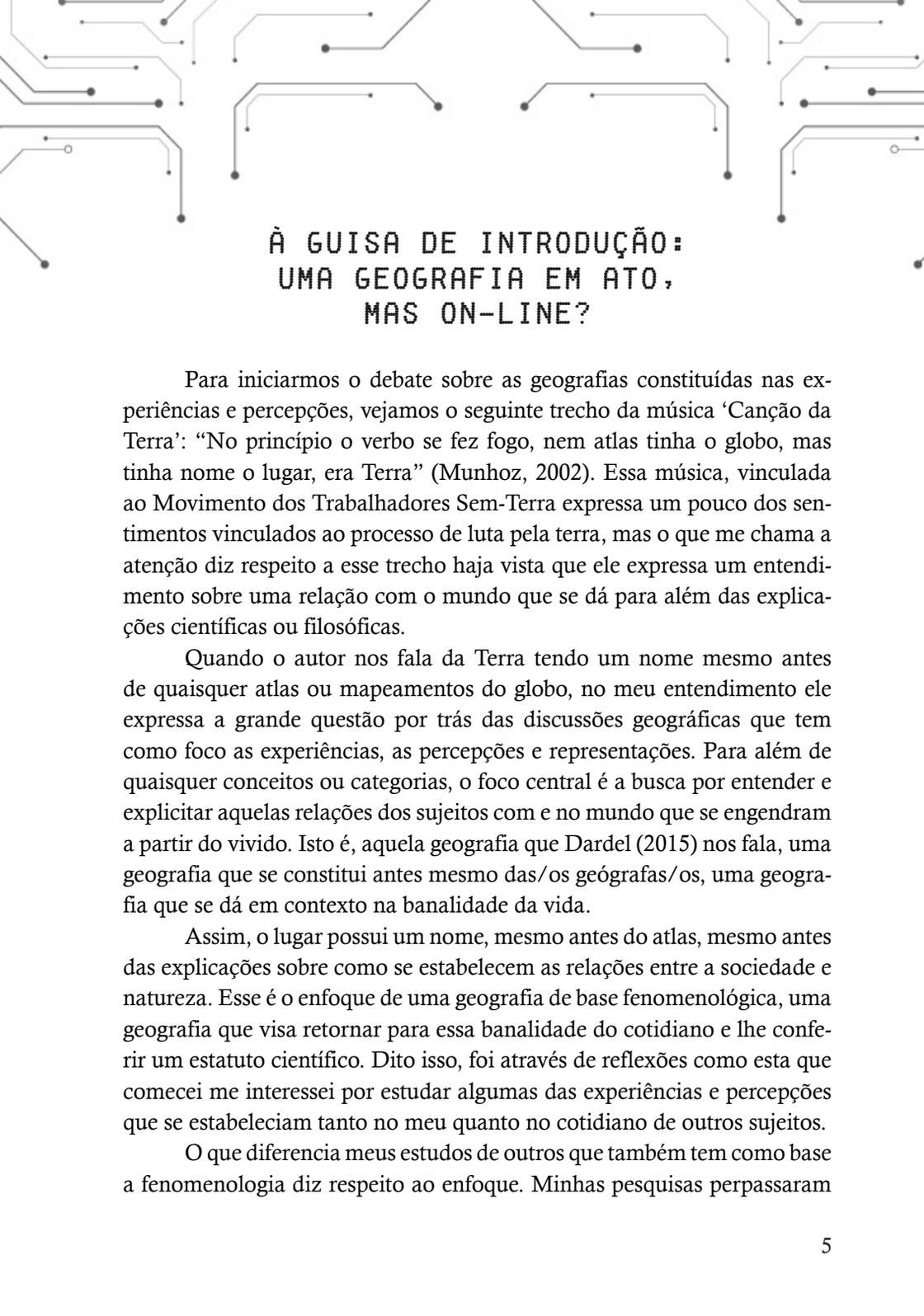
SUMÁRIO

À GUISA DE INTRODUÇÃO:	
UMA GEOGRAFIA EM ATO, MAS ON-LINE?.....	5
O DEBATE FENOMENOLÓGICO NA GEOGRAFIA.....	8
<i>O ciberespaço enquanto objeto de estudo na Geografia.....</i>	<i>24</i>
<i>POKÉMON GO</i> NA CIDADE DE SANTA MARIA (RS).....	32
A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA APREENDIDA ATRAVÉS DAS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES.....	45
DISCUTINDO AS PESQUISAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60
ÍNDICE REMISSIVO.....	63

*

*

*



À GUIZA DE INTRODUÇÃO: UMA GEOGRAFIA EM ATO, MAS ON-LINE?

Para iniciarmos o debate sobre as geografias constituídas nas experiências e percepções, vejamos o seguinte trecho da música ‘Canção da Terra’: “No princípio o verbo se fez fogo, nem atlas tinha o globo, mas tinha nome o lugar, era Terra” (Munhoz, 2002). Essa música, vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra expressa um pouco dos sentimentos vinculados ao processo de luta pela terra, mas o que me chama a atenção diz respeito a esse trecho haja vista que ele expressa um entendimento sobre uma relação com o mundo que se dá para além das explicações científicas ou filosóficas.

Quando o autor nos fala da Terra tendo um nome mesmo antes de quaisquer atlas ou mapeamentos do globo, no meu entendimento ele expressa a grande questão por trás das discussões geográficas que tem como foco as experiências, as percepções e representações. Para além de quaisquer conceitos ou categorias, o foco central é a busca por entender e explicitar aquelas relações dos sujeitos com e no mundo que se engendram a partir do vivido. Isto é, aquela geografia que Dardel (2015) nos fala, uma geografia que se constitui antes mesmo das/os geógrafas/os, uma geografia que se dá em contexto na banalidade da vida.

Assim, o lugar possui um nome, mesmo antes do atlas, mesmo antes das explicações sobre como se estabelecem as relações entre a sociedade e natureza. Esse é o enfoque de uma geografia de base fenomenológica, uma geografia que visa retornar para essa banalidade do cotidiano e lhe conferir um estatuto científico. Dito isso, foi através de reflexões como esta que comecei me interessei por estudar algumas das experiências e percepções que se estabeleciam tanto no meu quanto no cotidiano de outros sujeitos.

O que diferencia meus estudos de outros que também tem como base a fenomenologia diz respeito ao enfoque. Minhas pesquisas perpassaram

pelo chamado ciberespaço nos termos de Lévy (2010), isto é, um sistema constituído na interconexão entre computadores, smartphones e outros equipamentos. Por que isto se trata de uma especificidade? Porque, comumente, as pesquisas de base fenomenológica tem como direcionamento relações que se estabelecem fora do ciberespaço, seja por certa compreensão por parte das/os pesquisadores de que o ciberespaço e a tecnologia são inerentemente opressores e inibidores do estabelecimento de experiências, percepções e representações, seja pela simples desconsideração desse elemento.

O mesmo pode ser pensado sobre as pesquisas acerca do ciberespaço, da tecnologia e da técnica que comumente são associadas a debates de uma perspectiva crítica, em especial, marxista. Nesse sentido, minhas pesquisas tiveram esses percalços no sentido de conseguir conectar temáticas e perspectivas teórico-metodológicas que comumente não são colocadas lado a lado na Geografia, mas só reforça a importância das contribuições que posso ter feito para a ciência geográfica. Dito isso, precisamos considerar que cada vez mais a vida de muitos sujeitos está conectada, a vida se desenrola on-line, nosso trabalho, nosso lazer até mesmo o início de relacionamentos amorosos ou sexuais acontecem através da internet e dos aparelhos como computador e smartphones.

Pensando nisso, é mister retomar o que falamos acerca da música de Munhoz (2002), ou seja, nas experiências, nas percepções e nas representações se constituem verdadeiras geografias da banalidade do cotidiano. Se isto é verdadeiro, também é verdadeiro que as relações estabelecidas on-line conformam geografias haja vista que nossa banalidade do cotidiano hoje, para muitos sujeitos, é atravessada pelo ciberespaço e por vezes só se efetiva através dele.

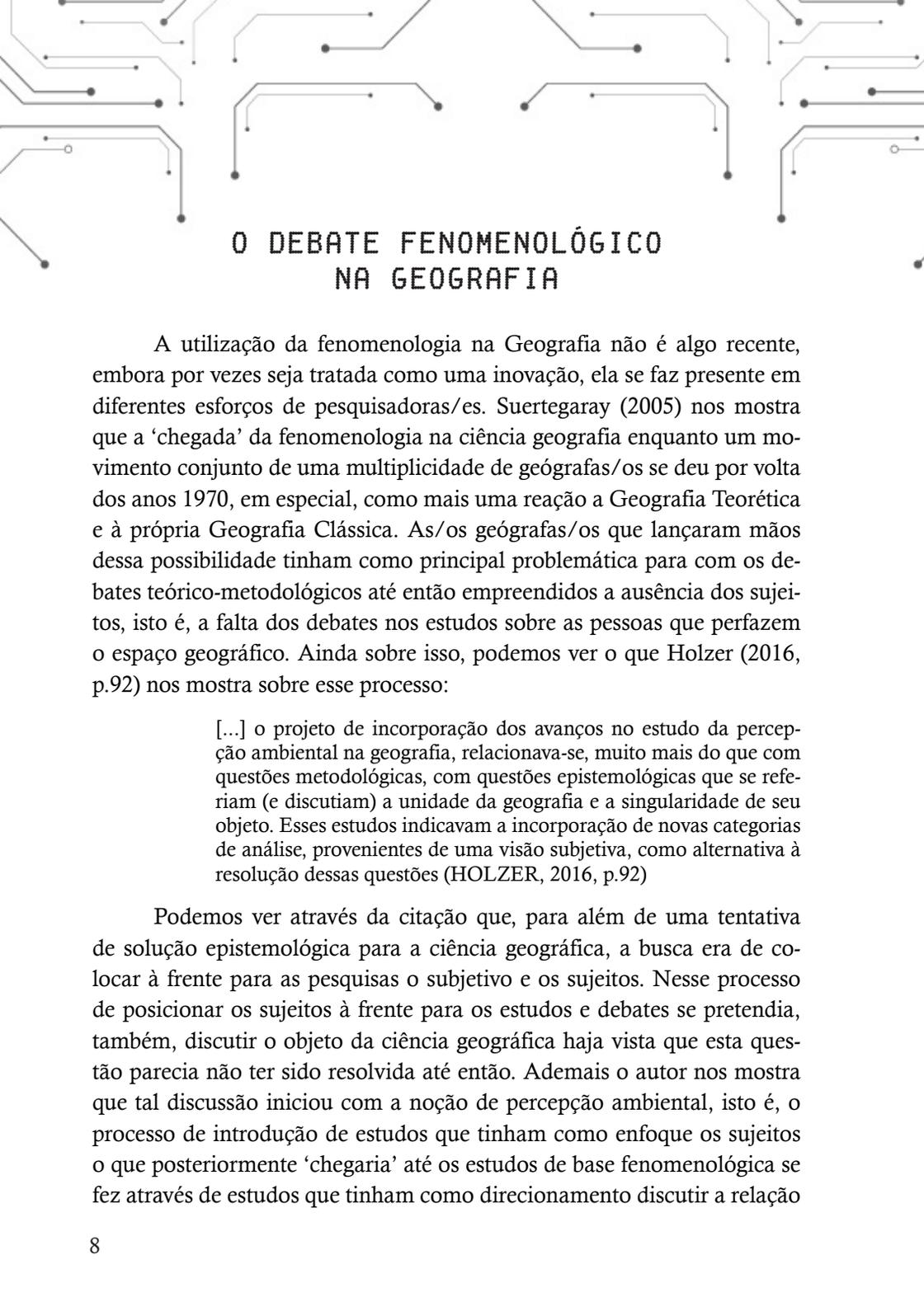
Dentre as pesquisas que realizei para conseguir estudar tais questões abordaram duas temáticas: a primeira teve como objeto de pesquisa o jogo para smartphones *Pokémon Go* e a segunda teve como direcionamento as/os estudantes da educação à distância. No caso da primeira pesquisa, o enfoque foi a minha prática do jogo no espaço urbano de Santa Maria (RS) e como o experienciar essa cidade se constituía de uma forma muito própria junto do jogo e no caso da segunda como as/os estudantes da educação à distância constituem espacialidades ao longo de sua formação e daquelas

relações que se produzem ao longo dela.

Para que fossem possível realizar tais propostas tive que lançar mão não apenas da discussão fenomenológica, mas de estratégias de pesquisa que me permitissem acessar tais fenômenos e de preferência enquanto tais fenômenos ocorriam. Essa é uma questão muito marcante e crucial para a fenomenologia, a necessidade de descrever o fenômeno enquanto ele está ocorrendo, isto é, inserir a/o pesquisador no fenômeno para que este possa ser descrito em sua complexidade.

Importante destacar que essas pesquisas, tal como muitas pesquisas de base fenomenológica, partiam de vivências que eu tive e de determinados contextos. A pesquisa acerca do *Pokémon GO* foi pensada em função de que prático o jogo desde seu lançamento no Brasil em 2016 (Silveira, 2019). Já a pesquisa acerca da educação à distância partiu de reflexões que fiz ao longo do período que estive sob regime de ensino remoto durante a pandemia da COVID-19 (UFSM, 2020) e como tal contexto mexia com minha noção de pertencimento e proximidade com minha universidade o que me levou a questionar como tais aspectos se efetivariam na educação à distância.

Dito isso, o presente livro tem como objetivo apresentar os apontamentos metodológicos e os resultados propriamente ditas das duas pesquisas mencionadas e, em especial, discutir as principais contribuições que elas possibilitam para a ciência geográfica bem como as perspectivas que elas apontam para essa área do conhecimento. Para tanto, nas próximas páginas apresentaremos as principais discussões sobre a fenomenologia e sobre o ciberespaço, as metodologias e resultados das pesquisas e, por fim, um momento de reflexão sobre tais debates.



O DEBATE FENOMENOLÓGICO NA GEOGRAFIA

A utilização da fenomenologia na Geografia não é algo recente, embora por vezes seja tratada como uma inovação, ela se faz presente em diferentes esforços de pesquisadoras/es. Suertegaray (2005) nos mostra que a ‘chegada’ da fenomenologia na ciência geografia enquanto um movimento conjunto de uma multiplicidade de geógrafas/os se deu por volta dos anos 1970, em especial, como mais uma reação a Geografia Teorética e à própria Geografia Clássica. As/os geógrafas/os que lançaram mãos dessa possibilidade tinham como principal problemática para com os debates teórico-metodológicos até então empreendidos a ausência dos sujeitos, isto é, a falta dos debates nos estudos sobre as pessoas que perfazem o espaço geográfico. Ainda sobre isso, podemos ver o que Holzer (2016, p.92) nos mostra sobre esse processo:

[...] o projeto de incorporação dos avanços no estudo da percepção ambiental na geografia, relacionava-se, muito mais do que com questões metodológicas, com questões epistemológicas que se referiam (e discutiam) a unidade da geografia e a singularidade de seu objeto. Esses estudos indicavam a incorporação de novas categorias de análise, provenientes de uma visão subjetiva, como alternativa à resolução dessas questões (HOLZER, 2016, p.92)

Podemos ver através da citação que, para além de uma tentativa de solução epistemológica para a ciência geográfica, a busca era de colocar à frente para as pesquisas o subjetivo e os sujeitos. Nesse processo de posicionar os sujeitos à frente para os estudos e debates se pretendia, também, discutir o objeto da ciência geográfica haja vista que esta questão parecia não ter sido resolvida até então. Ademais o autor nos mostra que tal discussão iniciou com a noção de percepção ambiental, isto é, o processo de introdução de estudos que tinham como enfoque os sujeitos o que posteriormente ‘chegaria’ até os estudos de base fenomenológica se fez através de estudos que tinham como direcionamento discutir a relação

dos sujeitos com o ambiente em que vivem e como entendem e sentem esse ambiente.

Por exemplo, estudos que podem ser entendidos como vinculados a percepção ambiental são aqueles como de Sartori (2016) que buscou catalogar as sensações de sujeitos de múltiplas características em Santa Maria (RS) em relação ao fenômeno do Vento Norte¹. Em outras palavras, os estudos de percepção ambiental deram atenção aos sujeitos, mas tendo como centralidade a relação desses sujeitos com fenômenos descritos cientificamente como o caso do Vento Norte e como estes fenômenos implicavam em questões psicofísicas nos sujeitos.

Tal discussão ampliou-se em termos de proporção dentre a ciência geográfica ao ponto de ter sido criado um Grupo de Trabalho na União Geográfica Internacional sobre a Percepção do Meio Ambiente na década de 1970 como nos é relatado por Almeida (2007). Contudo é a partir dos esforços de autores como Tuan (1980;1983), Relph (1976) e Buttimer (1976) que a discussão sobre percepção, experiência e representações a partir da fenomenologia se concretiza enquanto um movimento mais amplo na Geografia. No Brasil, é relevante mencionar a figura de Livia de Oliveira que fez exatamente essa ‘passagem’ do debate da percepção ambiental para a discussão fenomenológica e, em especial, por traduzir as obras de Tuan e ter sido central para tais debates adentrassem a geografia brasileira.

Estes autores se embasavam, especialmente, na discussão de filósofos como Merleau-Ponty, Heidegger, Sartre e Husserl para repensar a própria noção de espaço geográfico e chegar, através da discussão de percepção e experiência a própria efetivação da existência. Isto é, considerar a constituição do espaço enquanto um resultado de uma relação existencial do sujeito com/no mundo. Por exemplo, Chistofolletti (1982, p.22) nos

1 O vento norte em Santa Maria (RS) se caracteriza por elevar a temperatura local e pela sua vinculação com a baixa umidade bem como o relevo local. Ocorre que a especificidade do vento norte nessa cidade diz respeito ao fato descrito por Sartori (2016) que em função da cidade se localizar horizontalmente na Depressão Periférica a sul do Planalto Meridional Brasileiro, isto é, logo após o rebordo do planalto; o vento norte quando ocorre na cidade precisa ‘descer’ de uma altitude de cerca de 400m ganhando mais calor ressecando. Ademais tal fenômeno é comumente vinculado a situação pré-frontal, isto é, costuma acontecer alguns dias ou horas alguns da passagem da Frente Polar Atlântica na cidade.

mostra que para a geografia de base fenomenológica o espaço é entendido da seguinte forma:

Na fenomenologia existencial *o espaço é concebido como espaço presente, diferente do espaço representativo da geometria e da ciência*. Para a perspectiva científica o espaço é algo dimensional que se expressa por uma representação. Para o *fenomenólogo o espaço é um contexto, experienciado como sendo de certa espessura, em oposição aos pontos adimensionais do espaço mensurável*. A espessura do espaço é vista na *concepção do “aqui”*, que é um sistema de relações com outros lugares, semelhante à *espessura dos conceitos temporais, tais como “agora”*, que envolve aspectos do passado, presente e futuro. (CHRISTOFOLETTI, 1982, p.22 – grifo nosso)

Pensemos o seguinte, comumente para a maior parte das/os geógrafas/os o espaço geográfico pode ser entendido como um mapa que representa o território de um país ou uma carta topográfica que expõe o conjunto de elementos que estão presentes dentro da área compreendida pela carta. Isto o autor chama de um espaço dimensional, ele pode ser facilmente transformado em uma representação cartográfica, mas para as pesquisas de base fenomenológica como deixamos grifado na citação o entendimento do espaço se dá de forma distinta.

O espaço se estabelece a partir do sujeito e de sua relação no/com mundo, por exemplo, o espaço é plasmado como um contexto a ser vivido pelo sujeito. Por exemplo, digamos que eu saia e me sente em uma praça para ler, o espaço se constitui na minha experiência nessa praça o que engloba muitos aspectos desde o local em que estou sentado, o barulho de pássaros que estão nessa praça, os carros e outras pessoas passando, a luz do sol e as sombras das árvores e até mesmo o livro que estou lendo.

Para além dos conceitos fenomenológicos que veremos tais como experiência e percepção, essa compreensão do espaço enquanto um contexto que se dá aqui e agora está extremamente vinculado a noção de mundo vivido que foi crucial para o desenrolar do pensamento fenomenológico na Geografia. Acerca dessa noção, vejamos como Buttimer (1976, p. 281) nos auxilia a entendê-la:

In everyday life, one does not reflect upon, or critically examine, such horizons: the notion of lifeworld connotes essentially the pre-reflective, taken-for-granted dimensions of experience, the unquestioned meanings and routinized determinants of behavior. To bring these precognitive “givens” into consciousness and identity and enable one to empathize with the worlds of other people. More insight into the nature of lifeworld is necessary in order to appreciate the alienating influences of technology and science on lived experience (BUTTIMER, 1976, p. 281)²

Examinemos essa citação da autora, uma questão importante de pontuar diz respeito a noção de que no mundo vivido estamos lidando com questões que não previamente refletidas ou questionadas. Isso é fundamental para o pensamento fenomenológico, pois uma das críticas que essa perspectiva filosófica possui diz respeito a forma como o pensamento científico compreende o mundo vivido de forma incorreta, ou seja, implica às vivências e ao experienciar o mundo a mesma leitura que dos fenômenos estudados pela física, biologia e outras áreas das ciências.

Em outras palavras, o mundo vivido diz respeito ao que é feito no dia a dia, de forma banal, nas relações que estabelecemos mesmo sem refletir ou pensar de maneira crítica. Quando realizamos nossas atividades de trabalho, até mesmo em um trabalho intelectual, não refletimos sobre como isso é feito, apenas sentamos em nossas mesas, ligamos nossos computadores, escrevemos o que precisa ser escrito ou planejado. Estas questões também são abordadas por Relph (1976, p.5) quando o autor argumenta que a base de toda a ‘realidade geográfica’ é necessariamente constituída a partir da experiência, percepções e experiências dos sujeitos:

2 Na vida cotidiana, não se reflecte, nem se examina criticamente, tais horizontes: a noção de mundo da vida conota essencialmente as dimensões pré-reflexivas e tidas como certas da experiência, os significados inquestionáveis e os determinantes rotinizados do comportamento. Para trazer esses “dados” precognitivos para a consciência e a identidade e permitir que alguém tenha empatia com os mundos de outras pessoas. Mais insights sobre a natureza do mundo da vida são necessários para apreciar as influências alienantes da tecnologia e da ciência na experiência vivida (BUTTIMER, 1976). (pág. 281).

Rather we should recognise that geographical reality is first of all the place where someone is, and perhaps the places and landscapes which they remember – formal concepts of location, region or landforms, are subsequent. It follows from this that geographical space is not uniform and homogeneous, but has its own name and is directly experienced as something substantial of comforting of perhaps menacing (RELPH, 1976. p.5).³

O autor nos mostra que, a geografia enquanto realidade prática da vida humana é constituída na experiência dos sujeitos e só há a constituição de espaço em função da presença humana e do estabelecimento de relações com o mundo. Traçando um paralelo com o que falamos acerca da música ‘Canção da Terra’ esse entendimento do espaço enquanto um resultante do mundo vivido vai de encontro ao que pontuamos sobre a música, isto é, mesmo antes de qualquer conhecimento científico ou filosófico, há uma ‘geografia’ enquanto uma prática cotidiana empreendida de forma banal nas diferentes atividades.

Esta compreensão é a mesma de um autor muito importante para a apreensão fenomenológica da Geografia que apenas recentemente foi resgatado no Brasil, falamos de Dardel (2015) cujo livro intitulado ‘O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica’ foi publicado em 1952. Nesse livro, o autor nos indica essa perspectiva de que a geografia é, antes de uma ciência, uma prática cotidiana. Vejamos o que Dardel (2015, p.34) nos diz sobre a geografia, o espaço e o mundo vivido:

Sempre solidária a uma certa tonalidade afetiva, a realidade geográfica não requer para tanto uma geografia patética, um romantismo da Terra. A “geografia” permanece, habitualmente, discreta, mais vivida do que exprimida. É pelo hábitat, pelo ordenamento dos campos, de suas vinhas, de suas pradarias, de seu gênero de vida, pela circulação das coisas e das pessoas que o homem exterioriza sua relação fundamental com a Terra (DARDEL, 2015, p.34).

Penso que o autor resume muito bem a discussão que traçamos até o momento acerca do entendimento que as pesquisas de base fenomenológica

3 Em vez disso, deveríamos reconhecer que a realidade geográfica é antes de tudo o lugar onde alguém está, e talvez os lugares e paisagens de que se lembra – conceitos formais de localização, região ou formas de relevo, sejam subsequentes. Segue-se daí que o espaço geográfico não é uniforme e homogêneo, mas tem nome próprio e é diretamente vivenciado como algo substancial, reconfortante ou talvez ameaçador (RELPH, 1976. p.5).

sobre o espaço geográfico e sobre o mundo vivido. Isto é, as pessoas constituem sua relação com/no mundo e ao fazer isso plasma o espaço em um sentido contextual e, também, constitui a si mesmas enquanto sujeitos.

É essa a compreensão da qual partimos nas pesquisas que discutiremos adiante, mas para além disso é preciso que entendamos com profundidade o que Serpa (2019) chama de princípios fenomenológicos, isto é, o direcionamento para estudar os mais diversos fenômenos. Podemos resumir tais princípios nos seguintes: 1) Intencionalidade; 2) Corpo; 3) Intersubjetividade; 4) Descrição e 5) Redução, além destes, é preciso que deixemos definidos os conceitos de experiência, percepção e representação.

Para entendermos o conceito de experiência que empregamos, vejamos o que nos dizem Tuan (1983, p.9) e Marandola Jr. (2005, 51) acerca dele:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 1983, p.9)

A partir do momento que a Geografia se propõe a investigar o campo da “experiência humana”, na verdade essa está se embeinhando numa das tarefas mais antigas do pensamento ocidental. Investigar e inquirir o mundo, por vezes, foi colocado como tarefa da Filosofia e, de fato, não como um projeto fácil de executar. No estudo da experiência, imbricam-se os sentidos, as sensações, as percepções, as cognições e as relações entre diversos pólos que podem ser tanto complementares quanto concorrentes: tempo-espaço, subjetividade-objetividade, história-memória, indivíduo-sociedade. (MARANDOLA JR, 2006, p.51)

Os dois autores expõem algumas questões que se assemelham são elas: 1) a multiplicidade de “componentes” da experiência e 2) a noção de que a experiência está vinculada a ‘construção da realidade’. Examinemos o primeiro ponto, ele diz respeito a noção exposto pelos autores de que a experiência compreende desde as sensações e os chamados ‘sentidos’ do corpo humano até mesmo a questões complexas e amplas como a relação indivíduo sociedade. Isso ocorre, pois o conceito de experiência busca explicar a efetivação da existência humana, em outras palavras, a experiência é que permite a existência se desenvolver.

O que nos conduz para o segundo ponto, a experiência enquanto ‘construção da realidade’, isto é, se a experiência se trata da efetivação da existência é a partir dela que nos colocamos no mundo através do nosso corpo e percebemos este mundo. E é também a partir dela que constituímos representações sobre o mundo no sentido de atribuir sentido e interpretações a ele, logo é na experiência que engendramos nosso entendimento do mundo.

Dito isso, podemos considerar que o conceito de experiência, em certa medida, engloba os conceitos de percepção e representação no sentido de aglutiná-los enquanto conteúdos da existência humana. Mas o que significa a percepção? Para isso temos de nos dirigirmos a Merleau-Ponty (2018,p.6) que nos diz o seguinte:

O real é um tecido sólido, ele não espera nossos juízos para anexar a si os fenômenos mais aberrantes, nem para rejeitar nossas imaginações mais verossímeis. A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; *ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam* e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas (MERLEAU-PONTY, 2018, p.6 – *grifo nosso*)

Importante destacar dois pontos desse trecho, o primeiro deles acerca da percepção e o segundo acerca do mundo. Acerca da percepção que já vimos estar contida pela experiência diz respeito ao fato que mesmo estando ‘contida’ ela é anterior a experiência. E é anterior não no sentido de que tais conceitos seriam fenômenos lineares que se intercalam, mas anterior porque a percepção é o próprio contato com o mundo.

Em outras palavras, a percepção é o contato com o mundo, é a posição do corpo, o movimento dos olhos e da cabeça, o que se escuta, se cheira, se enxerga, é o caminhar e o apreender o mundo ou, ao menos, o que é possível apreender dele nesse “aqui” e “agora” em que se está. Por isso o autor, no trecho grifado, deixa explícito que a percepção é o “fundo” do restante dos atos que são empreendidos pelos sujeitos.

Contudo, a percepção não restringe nosso entendimento do mundo, pois também conformamos significados, símbolos e interpretações múltiplas sobre o mundo com o intuito de atribuir-lhe explicações ou mesmo atribuir algum sentido para nossas percepções. Em outras palavras, podemos considerar que nosso entendimento se dá, também, a partir de

representações constituídas através da percepção com/no mundo. Vejamos o que nos diz Lefebvre (1983) acerca dessa questão:

La teoría de las representaciones permite mostrar cómo la conciencia y el pensamiento, sin omitir lo real, se orientan hacia lo posible, no sin riesgos y construyen el objeto virtual, bordeando constantemente lo imposible (LEFEBVRE, 1983, p. 57)

Las representaciones amplifican, desplazan, transponen ciertas “realidades”. Forman parte de una estrategia “inconsciente”. Nacen como símbolos en lo imaginario y se fortalecen volviéndose corrientes, casi instituidas (LEFEBVRE, 1983, p. 60)

Analisemos o que o autor nos trouxe nesses dois trechos: 1) as representações se constituem na consciência e 2) elas vão além da realidade operando no imaginário. Vejamos a primeira questão que destacamos, as representações não existem e não tem o mesmo status que a percepção enquanto ato originário de contato com o mundo, mas elas guiam nosso entendimento do mundo.

Isto ocorre, pois a partir do contato com o mundo, existe um conjunto de operações da consciência no sentido de explicar e atribuir um significado para este contato com o mundo. A título de exemplo, Harari (2018) conta uma situação hipotética na qual um grupo de *Homo neanderthalensis* avistava um animal sempre próximo do local onde o grupo se instalava e passava a atribuir a este animal uma ‘posição’ de animal protetor do grupo.

Embora a situação hipotética que trazemos diz respeito a uma representação coletiva, ela nos auxilia a compreender as representações que as pessoas constituem individualmente no dia a dia. Isto é, no contato com o mundo atribuímos sentidos para mais diversas situações que vivenciamos na banalidade do cotidiano, mas as representações não são a própria percepção, mas uma construção da consciência sobre esta percepção.

Acerca disso que entramos no segundo ponto destacado que é a forma como as representações ‘operam’, isto é, elas são constituídas na consciência, mas se efetivam no mundo nos servindo enquanto formas pessoais de entender esse mundo. Em outras palavras, por mais que elas sejam construções mentais elas se expressam através no nosso ser e estar no mundo e perpassando por percepções futuras. Acerca disso, é interessante verificarmos o que Gil Filho (2006) nos diz sobre as representações:

A partir deste contexto, inferimos as seguintes instâncias da modelização simbólica, entendida como um processo de re-significação dos objetos rumo à realização das representações:

I) Na primeira base, a tendência à representação está implícita. Contudo, não atinge sua plena realização, pois a representação, neste caso, é parte da forma e não sua projeção exterior.

II) Ainda sob o aspecto sensorial, os campos visuais proporcionam diferentes perspectivas externas da imagem e sua realização estética e funcional.

III) O terceiro alicerce de manifestação da representação pertence a seu aspecto intelectual sob a capacidade de modificação do ser perante a forma. Sob este aspecto, aproximamo-nos do limiar entre o aspecto puramente fenomenal e o metafísico.

IV) Agregado ao intelecto, mas além de suas funções lógicas, há também as determinações da memória, que quando transcende as determinações individuais e atinge o estatuto do pensamento social marcado pela prática social permanece viva na sociedade enquanto imagem e memória coletiva. Como lembra Halbwachs (1975), a idéia e a imagem não representam elementos distintos de nossa consciência, como uma social e outra individual, mas prismas diferentes em que a sociedade contextualiza os objetos no conjunto dos parâmetros de seu devir.

V) O quinto suporte corresponde à dimensão simbólica da representação, quando esta transpõe os limites da individuação e expressa a realidade de sua própria natureza. (GIL FILHO, 2006, p. 52)

Nessa citação, o autor nos traz um ‘processo’ de conformação de representações, ela se inicia no processo de percepção, isto é no contato com/no mundo que o autor nos apresenta através do campo sensorial e se desenvolve até a simbolização na qual a representação já é uma expressão da realidade. Este processo também nos mostra o quanto de outros aspectos estão envolvidos na conformação de representações seja no sentido do intelecto, seja da memória seja da prática social.

Pensemos no caso de um estudante da educação à distância, ele é um professor de educação física e atua na área, mas decide fazer uma segunda graduação em outra licenciatura. Ele vai se conectar aos mais diversos elementos para realizar o curso como o seu computador, o ambiente virtual de aprendizagem (plataforma on-line na qual os conteúdos e atividades de cursos à distância se realizam), as atividades no polo e o contato com outros sujeitos envolvidos no curso como colegas e tutores.

Desde o contato com a plataforma, ele está percebendo o curso e ao longo disso institui representações sobre ele. Mas essas representações podem ser constituídas, também, a partir da confrontação com a memória de sua primeira graduação ou sobre o que ele entendia acerca da educação à distância antes de ter contato com a modalidade.

Dito isso, temos a base das discussões das pesquisas que serão apresentadas posteriormente, isto é, o espaço enquanto um meio, a experiência, a percepção e a representação. Mas para compreender como podemos analisar tais questões é que necessitamos dos princípios fenomenológicos, os dois primeiros que abordaremos são o corpo e a intencionalidades, pois com veremos eles estão intrinsecamente ligados. Para iniciarmos esse debate, vejamos o seguinte trecho de Tuan (1983):

O homem é a medida. Em sentido literal, o corpo humano é a medida de direção, localização e distância. No Egito Antigo, a palavra para “rosto” é a mesma que para “sul”, e a palavra “nuca” está associada com “norte”. Muitas línguas da África e dos Mares do Sul extraem suas preposições espaciais diretamente de termos das partes do corpo como “costas” para “trás”, “olho” para “em frente de”, “pescoço” para “acima”, e “estômago” para “dentro” (TUAN, 1983, p.50).

Na citação acima, o autor nos mostra algumas questões basilares da relevância do corpo para o entendimento do mundo e do espaço (e por que não da própria geografia?). Ele apresenta indícios de que em determinadas culturas e línguas o próprio corpo e seu posicionamento no mundo estava implicitamente vinculado ao sentido de orientação e localização. O que isso nos releva enquanto princípio fenomenológico? A relevância do corpo para o estudo de base fenomenológica se dá em função de que os sujeitos são sempre corporificados, isto é, não podemos pensá-los enquanto sujeitos abstratos, mas enquanto uma materialidade carnal.

Assim, o corpo é central na compreensão da experiência, da percepção e das representações porque somos o nosso corpo, não há experiência com/no mundo que ocorra fora dele e mesmo aquelas que de forma aparente o corpo não é ‘utilizado’, ele está implicado enquanto uma projeção. Ademais, é importante pontuar que quando abordamos o corpo a partir da fenomenologia, o estamos tratando de forma diferente daquela que o pensamento clássico e os estudos científicos das ‘ciências duras’ abordam.

Em outras palavras, como nos mostra Merleau-Ponty (2018) estamos pensando o corpo ‘fenomenal’, isto é, o corpo que é experienciado por nós no dia a dia. Para deixar mais nítida essa questão, vejamos o que o autor nos diz:

Quando digo que um objeto está **sobre a mesa**, sempre me situo em pensamento na mesa ou no objeto, e aplico a eles uma categoria que em princípio convém à relação entre meu corpo e objetos exteriores (MERLEAU-PONTY, 2018, p.147 – grifos no original)

No trecho acima, o autor nos explica uma situação comum de alguém pegando um objeto sobre uma mesa, mas essa situação revela o que falamos sobre o corpo no entendimento da fenomenologia. É como se pensássemos o corpo ‘de dentro’, isto é, o que os próprios sujeitos veem e como eles mesmo entendem seu corpo e experienciam o mundo a partir dele. Contudo, o corpo não ‘funciona’ de forma autônoma, ele atua em conjunto com a consciência e uma das principais implicações disso é a intencionalidade. Acerca dela, vejamos o seguinte trecho:

Da mesma maneira, o sujeito posto diante de sua tesoura, sua agulha e suas tarefas familiares não precisa procurar suas mãos ou seus dedos porque eles não são objetos a se encontrar no espaço objetivo, ossos, músculos, nervos, **mas potências já mobilizadas pela percepção** da tesoura ou da agulha, o termo central dos **“fios intencionais”** que o ligam a objetos dados. Não é nunca nosso corpo objetivo que **movemos**, mas nosso corpo fenomenal, e isso sem mistérios, porque já era nosso corpo, enquanto potência de tais e tais regiões do mundo, que se levantava em direção aos objetos a pegar e os percebia (MERLEAU-PONTY, 2018, p.153 - grifo nosso)

Esse trecho traz a nitidez para duas questões importantes: 1) a intencionalidade enquanto a consciência de alguma coisa e 2) como que o corpo está vinculado a intencionalidade. Analisemos a primeira questão, quando o autor nos mostra que o sujeito se direciona para este ou aquele objeto ele nos mostra que há um direcionamento para a percepção, isto é, há uma implicação da consciência através da intencionalidade que permite a esse contato originário se oriente para determinados elementos ou aspectos do mundo.

Ou seja, a intencionalidade enquanto consciência de alguma coisa significa que a percepção, embora abarque o conjunto de elementos e aspectos do mundo, há uma orientação para um objeto. Mas como isso se realiza? Para Merleau-Ponty (2018) essa intencionalidade se realiza através

do corpo, isto é, não se trate apenas um ‘processo’ da consciência, mas de uma ação que implica a consciência e o corpo através do movimento.

No trecho que trouxemos, vemos que o autor exemplifica uma situação de busca de um objeto como tesoura ou agulha, isso diz respeito a intencionalidade, isto é, mesmo que o sujeito que se direciona para a agulha ou tesoura perceba o ambiente como um todo, ele se intenciona para estes objetos. Contudo, essa intenção só se efetiva no movimento, no momento em que ele movimenta o braço e os olhos a procura da agulha ou da tesoura.

Dessa forma, a intencionalidade opera no nível do corpo, mesmo sendo uma ‘operação’ da consciência, ela se efetiva através do movimento corporal. Isso também torna evidente outra questão importante para a fenomenologia, a compreensão de que na experiência do próprio sujeito não há uma separação da mente e do corpo, pois ambos compõem uma totalidade.

Ademais, ainda acerca da percepção e da intencionalidade é preciso considerar uma questão que é a noção de situação e situacionalidade. Para compreender isso, é relevante mencionarmos o que Sartre (2011, p.672-673) fala sobre isso:

A situação é um sujeito inteiro (ele não é nada mais do que a situação), e é também a “coisa” inteira (não há jamais nada mais do que as coisas). Se quisermos, é o sujeito iluminando as coisas pelo seu próprio transcender, ou são as coisas remetendo sua imagem ao sujeito. É a total facticidade, a contingência absoluta do mundo, de meu nascimento, de meu lugar, de meu passado, de meus arredores, do “fato” do meu próximo, e é minha liberdade, sem limites enquanto aquilo que faz com que haja para mim uma facticidade.

A situação diz respeito, portanto, a facticidade do momento no sentido da imbricação de todas as experiências sejam elas do passado ou mesmo do futuro possível. Podemos considerar que a situação está implicada pelo ‘agora’ que Christofolleti (1982) nos indica acerca do espaço visto enquanto um contexto que se dá em determinado momento e local.

Assim, a noção de situacionalidade nos possibilita compreender que toda percepção está contida no tempo e o sujeito só se perfaz através dessa contenção, isto é, só se efetivando no momento em que se está posto no mundo. Junto com a noção de situacionalidade, é fundamental considerar a de posicionalidade que está vinculada a ancoragem do sujeito tomado enquanto corpo no mundo. Portanto, podemos considerar que

a posicionalidade está vinculada ao ‘aqui’ mencionado por Christofolletti acerca do espaço para a fenomenologia.

Dito isso, conseguimos ter uma noção da forma como a fenomenologia nos indica o entendimento dos sujeitos, mas até então estamos abordando os sujeitos de forma individualizada, isto é, como se compreende um sujeito isolado. Como que a fenomenologia entende a coletividade e as trocas entre diferentes sujeitos? Para entender essa questão é que precisamos adentrar no terceiro princípio fenomenológico que é a intersubjetividade, acerca dela vejamos o que Patocka (2004) e Serpa (2019) nos dizem sobre isso

El contacto con los otros es el componente primordial, el más importante, de este centro del mundo natural cuyo suelo es la Tierra y cuya periferia es el cielo. El contacto con los otros es el centro mismo de nuestro mundo, es lo que dota al mundo su contenido más propio, peor también de seu sentido principal, si es que que no de todo su sentido. Sólo el contacto com los otros constituye el médio propio en que vive el hombre. (PATOCKA, 2004, p. 38)

O mundo intersubjetivo da fenomenologia revela a transcendência como ato compartilhado entre os seres humanos, como transcendência “negociada”. Admitir a possibilidade de um mundo intersubjetivo como transcendência ingrediente, partilhada e negociada revela que as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências. (SERPA, 2019, p.39)

Os dois autores trazem em primeiro lugar a importância da intersubjetividade enquanto ‘meio de viver do homem (sic)’ no sentido de que a coletividade e o contato entre sujeitos distintos constituem o sentido para o nosso mundo. Tal questão é interessante porque contribuem para o debate que fizemos a partir de Gil Filho (2006) e Lefebvre (1983) acerca das representações no sentido de que nos indica que a intersubjetividade também está implicada na conformação de representações.

Já Serpa (2019) nos indica o que significa a intersubjetividade no sentido de como esses contatos e trocas entre sujeitos significam no sentido da composição da subjetividade. O autor nos mostra que a intersubjetividade está vinculada a noção de ‘negociação de transcendências’⁴, isto

4 Transcendência diz respeito aquilo se constitui ‘fora’ do sujeito diferente da imância que diz respeito aquilo se constitui ‘no’ sujeito.

é, trocas entre os sujeitos para a constituição de sentidos sobre si e sobre o outro e sobre o mundo. É por isso que falamos em intersubjetividade, isto é, não se trata de uma subjetividade isolada que em algum momento é posta em contato com outros, mas de subjetividades que são constituídas permanentemente no contato com o outro por isso a noção de serem, sempre, intersubjetividades.

Dito isso, é preciso nos perguntarmos: mas como são empreendidas as pesquisas em fenomenologia? Para respondermos a esta questão é importante ressaltarmos o que Suertegaray (2005, p.30) aponta acerca disso:

Exige, também, o reconhecimento da variabilidade e da complexidade do fenômeno que está sendo descrito. Para trabalhar nesta perspectiva, utiliza-se uma variabilidade de fontes e instrumentais técnicos, entre elas as entrevistas qualitativas, as histórias de vida. Ao descrever não se busca as regularidades, indica-se as ambigüidades e a complexidade, procura-se a estrutura de representações. Nesta forma de conhecer, a interpretação é sempre aberta à reinterpretção. O método fenomenológico não é nem dedutivo, nem empírico, na medida em que consiste em esclarecer o que se dá para nós, não explica por meio de leis, mas apenas vê, imediatamente, o que se acha ante a consciência.

A autora nos mostra questões centrais para compreender o funcionamento do que ela chama de ‘método fenomenológico’, chamamos atenção para o ponto no qual ela pontua a característica do método fenomenológico de não se considerar com outro método, mas trazer nitidez para se ‘acha ante a consciência’. Para fazer isso, a descrição é fundamental, por isso Serpa (2019) aponta que se trata de um princípio da fenomenologia desde Husserl.

A descrição que falamos aqui diz respeito ao que Suertegaray (2005) nos mostrou, isto é, uma descrição que visa apreender o fenômeno em sua complexidade. Por exemplo, pensemos em uma situação na qual um sujeito sai caminhando pelas ruas de sua cidade numa sexta-feira à noite, a descrição disso perpassará pelos sons como músicas, o trânsito e as conversas das pessoas em bares e restaurantes.

Também terá o que o sujeito vê como as pessoas que estão se divertindo, os carros, as pessoas que estão trabalhando e as luzes de todos os locais. Junto disso, a descrição desse fenômeno contará com os pensamentos

do sujeito durante essa caminhada e os momentos que ele é interpelado por alguém na rua. Através desse exemplo, buscamos evidenciar o que significa uma descrição para os estudos de base fenomenológica.

Em outras palavras, é um processo que nos permita captar o fenômeno nas suas diversas 'partes' (se é que podemos falar dessa forma, como se o fenômeno fosse parcelado), naquilo que parece se repetir e aquilo que perturba quaisquer padrões que estivéssemos traçando. Uma das principais dificuldades desta forma de descrição é a inserção junto dos fenômenos para, assim, descrevê-los o que em nossas pesquisas buscamos superar através de estratégias de pesquisa como a autonarrativa e a narrativa 'geográfica'.

Feita a descrição, a pesquisa de base fenomenológica precisa de trazer nitidez ao fenômeno descrito e para isso é preciso reduzi-lo. Acerca da redução fenomenológica, vejamos o que Serpa (2019, p. 37) nos diz:

A redução fenomenológica não exclui o verdadeiramente transcendente (a consciência, o universal). É a investigação das essências, é captação do sentido da evidência absolutamente intuitiva [...] A redução é percepção evidente reduzida, é análise das essências na esfera da evidência imediata. A (difícil!) tarefa aqui é a de rastrear todas as formas de dar-se das coisas e todas as correlações, exercendo sobre todas elas a análise esclarecedora.

No trecho acima, o autor busca resumir o que significa o princípio da redução para a fenomenologia, como podemos ver a redução se trata de uma análise do conteúdo da descrição que tem como intuito chegar ao que o sujeito experienciou ao longo de uma situação estudada. Por exemplo, retomemos o exemplo do sujeito caminhando pelas ruas da cidade em uma sexta-feira à noite, após a descrição realizada a redução teria de ser feita.

Mas o que buscar através dessa redução? Uma das questões seria a intencionalidade do sujeito, os trajetos pelos quais ele se locomove, que direcionamentos toma e o que chama sua atenção dentre os vários elementos da noite de sua cidade. Outra questão seriam as perturbações ou interrupções que atravessam essa experiência, como possíveis interpelações por outros transeuntes ou os momentos de cruzar as ruas e avenidas.

Por fim, poderíamos pensar na constituição de representações sobre a cidade a partir dessa caminhada tendo em vista essa parte da cidade que

foi ‘explorada’ nesse processo. Assim, a redução discutiria os diferentes aspectos da experiência para aprofundar a compreensão acerca das percepções e representações do sujeito durante essa situação estudada.

Mas é fundamental pontuarmos o que Merleau-Ponty (2018) apontou acerca da impossibilidade de uma redução completa, pois o próprio ‘resultado’ de uma redução poderia ser novamente reduzido com o intuito de averiguar o fenômeno com maior complexidade. E como a fenomenologia tem por objetivo lidar com os fenômenos em suas multiplicidades e ambiguidades, quanto mais aprofundamos o estudo, maiores são os desafios para compreender tais experiências, percepções e representações.

Para finalizar, há um último conceito que precisamos elencar que diz respeito a imbricação entre a Geografia e a Fenomenologia, falamos a respeito da geograficidade. Vejamos o seguinte trecho para compreender do que se trata esse conceito:

O fato de existir implica em estar localizado, espacializado, e localização, além de remeter a outros princípios, como distribuição e escala, está diretamente ligada às relações estabelecidas entre os sujeitos e o meio que se localizam. Da pergunta fundamental “onde estou?” emerge a consciência da localização, de relação com os demais entes do entorno ou a consciência geográfica. (MONTEIRO, 2013, p.40).

A geograficidade enquanto conceito foi estruturada por Dardel (2015) e como podemos ver a partir da citação acima, ela vem no sentido de condensar o conjunto de experiências, percepções e representações que são constituídas pelo sujeito. Assim, a geograficidade é a expressão geográfica da existência no sentido que sintetiza as relações do sujeito com o mundo, com os outros e como tais relações são representadas individualmente e coletivamente.

Dardel (2015) vai nesse sentido e nos indica, portanto, que a Geografia é na verdade uma condição da existência humana e só posteriormente passa a ser um conhecimento científico. Dessa forma, a geograficidade antecederia a própria Geografia, pois é através dela enquanto relação permanente do sujeito com/no mundo que o sujeito se constitui enquanto tal, isto é, a Terra enquanto expressão do mundo é a *base do sujeito*.

O ciberespaço enquanto objeto de estudo na Geografia

Para a continuidade da nossa discussão, precisamos chegar ao debate acerca do ciberespaço haja vista que as pesquisas que discutiremos estão diretamente permeadas por ele. Contudo, antes de chegarmos ao debate sobre o ciberespaço propriamente dito, é interessante deixarmos nítida uma questão que comumente gera confusões que é o virtual.

Por vezes o ciberespaço é entendido como um ‘espaço virtual’, mas vejamos porque esta compreensão está incorreta, para entendermos isso, vejamos o que Lévy (2011) aponta:

Consideremos, para começar, a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”. [...] Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. (LÉVY, 2011, p.15)

O autor nos mostra a incoerência da compreensão do real e do virtual enquanto polos opostos, pois parte da noção que o real seria a materialidade e o virtual a imaterialidade. Mas o que devemos considerar é que toda materialidade implica em uma imaterialidade, ambas sendo necessariamente reais, o mesmo podemos considerar para esse falso debate entre real e virtual. O real e o virtual coexistem, a diferença é que o virtual ‘existe’ em potência.

Pensemos no seguinte exemplo, uma pessoa utiliza as redes sociais, nessas redes estão presentes uma série de funcionalidades que estão ali prontas para serem utilizadas. Mesmo que essa pessoa não as utilize, elas estão ali virtualmente, isto é, em potência para serem usadas. Ou seja, elas são reais só estão em contextos diferentes da ‘realidades’ no sentido de se efetivarem de forma distinta.

Por que acontece uma confusão acerca do ciberespaço e desse falso debate entre real e virtual? Por vezes, em especial na Geografia, ocorre uma incompreensão acerca das imaterialidades e como não há uma abertura para a discussão, mesmo o ciberespaço não se tratando desse virtual enquanto ‘irreal’. Ele é percebido por alguns pesquisadores enquanto um

assunto desnecessário para esta área da ciência por alguns vista como necessariamente vinculada a concretude e ao material.

Resolvida essa questão inicial entre o real e o virtual, podemos partir para a conceituação do ciberespaço, para tal, iremos nos apoiar em Lévy (2010) quando o autor nos diz o seguinte:

A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromancer*. [...] Eu defino o ciberespaço como o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores* [...] esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. (LÉVY, 2010, p.94-95 – grifos no original)

Algumas questões muito importantes que a definição de ciberespaço apresenta pelo autor nos traz: 1) o que perfaz o ciberespaço e 2) as relações implicadas no ciberespaço. Compreendemos que o ciberespaço é esse meio que se constitui a partir da conexão dos computadores, muito fortalecida pela internet, que tem se constituído desde meados do século XX. Vejam que o ciberespaço é o meio de **comunicação** estabelecido, isto é, ele está vinculado às técnicas implicadas sejam *softwares* e os próprios *hardwares*, mas ele se define enquanto o meio que possibilita aos usuários estabelecerem trocas das mais diversas.

Assim, é importante para a dinâmica do ciberespaço como estas trocas ocorrem, os programas e plataformas que possibilitam essa efetivação, logo, quem controla a produção e desenvolvimento de programas e de novos dispositivos bem como quem possui maior capacidade de acesso a esse meio de comunicação possui maior capacidade de manejo desse meio.

Isto é, mesmo que o ciberespaço esteja diretamente implicado na comunicação entre os usuários o que permite compreendamos ele enquanto um emaranhado de trocas. Ele também está implicado por relações de poder entre os diferentes atores que possibilitam tais trocas sejam empresas, Estados ou sujeitos. Enfatizamos tal questão para demarcar o ciberespaço enquanto um meio que é constituído a partir dos sujeitos que estão nele e não enquanto uma reificação como se este meio funcionasse a partir de si mesmo de maneira independente.

No sentido de aprofundarmos o debate acerca disso, veremos duas perspectivas acerca do ciberespaço. A primeira delas parte de uma perspectiva crítica, aproximada do materialismo histórico-dialético e a segunda parte da fenomenologia. Nesse sentido, vejamos a primeira apreensão acerca do ciberespaço, para isto, atentemos para o que Silva e Tancman (1999) nos dizem acerca dessa questão:

É neste sentido que entendemos o ciberespaço. Para nós, o ciberespaço é uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais. Ao contrário do senso comum em torno do aniquilamento do espaço pelo tempo, parece-nos que, tal como afirma Castells (1999: 490), é o espaço material que organiza o tempo, “estruturando a temporalidade em lógicas diferentes e até contraditórias de acordo com a dinâmica socioespacial”. Entretanto, se o espaço material organiza o tempo, a emergência de um tempo-real das redes comunicacionais colabora para uma sensação de aniquilamento do espaço pelo tempo, na forma de um espaço virtual. De um modo geral, podemos dizer que o tempo-real também implica a organização de novas relações sociais que se expressam na formação de um espaço virtual e na reestruturação do espaço concreto preexistente, provocando intenso processo de inclusão e exclusão de lugares e pessoas na rede. (SILVA & TANCMAN, 1999, p.56)

Esse trecho é bastante significativo para entendermos um pouco da apreensão materialista do ciberespaço, podemos ver que há um debate acerca da implicação do ciberespaço com o espaço e o tempo e como ele acaba por ser crucial para alterar a maneira como são constituídas tais ‘esferas’ da realidade. Mas o que é mais relevante do que a citação traz é a conexão direta que é feita entre o ciberespaço e o conjunto de relações que permeiam a vida em sociedade.

Isto é, o ciberespaço não pode ser tomado como um ente em separado que opera de forma ‘livre’ sem estar vinculado a dinâmica social, logo, nele estarão presentes o conjunto de relações sociais que constituem o restante da vida. Por exemplo, o ciberespaço também conta com uma dinâmica capitalista haja vista o conjunto de empresas como Microsoft, Google, Meta e tantas outras que constituem suas mercadorias e serviços prestados nele.

Da mesma forma podemos considerar que o ciberespaço possui um forte aspecto político, por exemplo, diferentes grupos ideológicos de

diferentes matizes se organizam através dele. O mesmo serve para opressões como racismo, misoginia e LGBTfobia, elas também são nele praticadas e, porque não, combatidas. Sendo assim, tal como nos mostra Santos (2006) acerca do espaço, o ciberespaço também socialmente constituído e influi diretamente na reprodução da sociedade.

Dito isso podemos compreender a apreensão materialista acerca do ciberespaço, isto é, ela tem como direcionamento questões como a produção das próprias plataformas, as disputas ideológicas que ali se constituem e como o ciberespaço possui uma dinâmica que é direcionada pelas relações típicas da sociedade capitalista. Assim, há um enfoque próprio e diferente, porém complementar, aquele que abarcamos em nossas pesquisas, para compreender esse enfoque é que precisamos elencar a apreensão fenomenológica para o ciberespaço.

Acerca dessa apreensão, é interessante pontuarmos a partir do que já vimos sobre a relação entre a fenomenologia e a Geografia que tal filosofia tem por direcionamento principal trazer o sujeito ‘para frente’. Isto é, a perspectiva tem como foco o sujeito e a sua ancoragem no mundo, sem partir de explicações científicas prévias e contar as relações estabelecidas entre os sujeitos e com o mundo. Dito isso, vejamos o que Bernardes (2012) nos diz acerca do ciberespaço pensado a partir da fenomenologia:

O modo de estruturação das informações de hipermídia irá definir o modo de navegação do usuário, ou seja, é necessário que o usuário interprete certa lógica estabelecida pelo conjunto de representações de certa página eletrônica para que possa exercer a instrumentalidade do computador conforme seus projetos. Realiza-se uma espécie de simbiose entre os projetos de *Alguém*, identificada pela objetividade das representações, com aqueles que os usuários empreendem. Ou melhor, para que os projetos dos usuários sejam executados é necessário conduzi-los conforme os projetos de *Outrem*. O cerceamento dos projetos dos internautas muitas vezes não é entendido como tal e sim como a realização do Meu projeto por meio de certo objetivo (BERNARDES, 2012, p.189 – grifo no original)

O que o autor nos traz nesse trecho é o entendimento pelo qual o sujeito enquanto usuário da internet, estando portanto no ciberespaço, pode ser analisado. Ou seja, como o sujeito pode ser compreendido enquanto ente no/do ciberespaço, para verificarmos tal questão pensemos em um exemplo. Dentre os vários conjuntos de elementos que podem ser encontrados no ciberespaço,

existem os jogos sejam aqueles que vários usuários compartilham de uma mesma partida sejam aqueles que um usuário joga individualmente.

Os jogos são produzidos por empresas diversas, como é o caso da franquia de jogos *Assassin's Creed* (em português: a Ordem dos Assassinos) que conta, tendo como plano de fundos fatos históricos reais como a renascença italiana ou a colonização das américas, uma guerra secreta envolvendo os chamados Assassinos e os Templários. Tais jogos possuem uma dinâmica própria, com o jogador tendo acesso a armas, dinheiros e meios de transporte diversos bem como diferentes tipos de missões ao longo do jogo sejam aquelas que fazem parte do roteiro do jogo que são as missões principais e aquelas secundárias que, de certa forma, complementam as missões principais.

Quando um sujeito se coloca para jogar, ele está totalmente adentrando um série de ferramentas e toda uma dinâmica que foi pensada por outrem que lhe é desconhecido, mas ao longo do jogo ele pode realizar as missões da forma que bem entender e na ordem que mais achar conveniente. Assim, o jogador de tal franquia pode primeiro realizar uma missão na qual precisa assassinar um governante corrupto ou outra na qual precisa libertar escravos de fazendas de plantação de cana de açúcar no Caribe e executá-las da forma que preferir.

Dessa forma, podemos compreender o que o autor quer dizer quando nos indica que mesmo através de uma interface que foi projetada por outrem, o que o sujeito que está no ciberespaço vê é a execução de seu objetivo para com esse elemento do ciberespaço. Independe para o usuário quem projetou e se está programado para acontecer desta ou daquela forma, a questão para o sujeito no ciberespaço é a utilização e a 'lógica' que ele estabelece no contato com as interfaces.

Ainda sobre essa questão, Bernardes e Sposito (2009) nos apresentam uma reflexão interessante para a discussão de uma apreensão fenomenológica para o ciberespaço, vejamos:

É por meio de imagens que os usuários “navegam” na Internet, relacionando-se com uma infinidade de imagens descontextualizadas — e seja, por coloca-las em relação uma com as outras ou por coloca-las em relação com as experiências derivadas de relações materiais — **eles identificam as intencionalidades-territorialidades — ali expressas, o que possibilita ao homem identificar certa lógica; logo “movimentar-se”, interagir com esta mediação eletrônica.** [...] Por esta relação se delineia novas formas de percepção e de interação com o mundo, interferindo diretamente na nossa capacidade de ler e representar o espaço [...]. (BERNARES; SPOSITO, 2009, p. 25 – grifo nosso)

Este trecho é bastante relevante, pois ele remete aos princípios fenomenológicos que estávamos debatendo anteriormente. Os autores nos conduzem por uma interpretação da experiência do sujeito no/do ciberespaço que perpassa pela intencionalidade, pelo movimento, pelas representações e pelas percepções. Isto é, através dessa reflexão alcançamos um entendimento mais aprofundado sobre como podemos apreender a percepção do sujeito enquanto está vinculado ao ciberespaço.

Para compreender melhor isso, pensemos no seguinte exemplo. É comum, em diversas redes sociais, fãs de determinadas franquias de jogos, livros ou filmes criarem comunidades nas quais são trocadas informações, curiosidades, ofertas de produtos vinculados a tais franquias e etc. Um sujeito que faz parte de tais comunidades, ele se direciona para elas, isto é, sua intencionalidade faz com que ele as busque on-line e busque determinadas partes dessas comunidades caso queira algum conteúdo específico.

Assim, podemos pensar no que o autor nos trouxe, isto é, há a intencionalidade do sujeito agindo e o impelindo ao movimento, este movimento realizado através de um *mouse*, teclado ou de uma tela do tipo *'touch screen'* permite o sujeito projetar um movimento de 'navegação' no ciberespaço. Assim, podemos considerar que junto da intencionalidade e do movimento, há também uma espécie de projeção do corpo através da máquina e de suas funcionalidades para acessar o ciberespaço.

Além disso, o autor nos indica questões como representações que estão atreladas ao uso do ciberespaço. Isso pode estar atrelado ao exemplo que pensamos acerca de sujeitos fãs de franquias, isto é, existem para com tais franquias alguma representação bem como em relação às próprias comunidades que se constituem. Outra questão interessante é o apontamento que o autor nos faz acerca da conexão entre o ciberespaço e outras relações estabelecidas

fora dele, por exemplo, comunidades e relacionamentos virtuais podem utilizar do ciberespaço para iniciarem e, também, se constituírem para fora dele.

Existem estudos como nos indica Serpa (2017) que mostram quanto o ciberespaço tem uma importância considerável para comunidades periféricas urbanas e coletivos políticos para construir novas narrativas e representações acerca de suas realidades e também lutar por direitos civis e melhorias na qualidade de vida. Assim, podemos perceber que quando um sujeito está vinculado ao ciberespaço, isso não é uma negação do restante do espaço geográfico, mas outra “parcela” dele.

Ademais, considerando a experiência do sujeito, Souza e Silva (2006) nos indica a existência um ‘espaço híbrido’, isto é, uma espacialidade que se conforma na imbricação do ciberespaço, em especial, a internet e jogos *on-line* e simultaneamente o espaço ‘material’. Ou seja, jogos como *Pokémon Go* que se dão ao mesmo tempo na materialidade da cidade e no ciberespaço do jogo podem ser considerados elementos dessa espacialidade híbrida. Vejamos o que a autora nos diz acerca disso:

[...]mobile devices create a more dynamic relationship with the Internet, embedding it in outdoor, everyday activities, we can no longer address the disconnection between physical and digital spaces. I name this new type of space hybrid space. Hybrid spaces are mobile spaces, created by the constant movement of users who carry portable devices continuously connected to the Internet and to other users. A hybrid space is conceptually different from what has been termed mixed reality, augmented reality, augmented virtuality, or virtual reality, as discussed later in this article. The possibility of an “always-on” connection when one moves through a city transforms our experience of space by enfolding remote contexts inside the present context (SOUZA E SILVA, 2006, p. 262) ⁵

5 os dispositivos móveis criam uma relação mais dinâmica com a Internet, incorporando-a nas atividades diárias e ao ar livre, não podemos mais abordar a desconexão entre os espaços físicos e digitais. Chamo esse novo tipo de espaço de espaço híbrido. Espaços híbridos são espaços móveis, criados pela movimentação constante de usuários que carregam dispositivos portáteis continuamente conectados à Internet e a outros usuários. Um espaço híbrido é conceitualmente diferente do que foi denominado realidade mista, realidade aumentada, virtualidade aumentada ou realidade virtual, conforme discutido posteriormente neste artigo. A possibilidade de uma conexão “sempre ligada” quando alguém se desloca por uma cidade transforma nossa experiência do espaço ao envolver contextos remotos dentro do contexto presente. (SOUZA E SILVA, 2006, p. 262)

Podemos ver que a autora dá um destaque específico para os aparelhos móveis como os *smartphones*, pois é através da imbricação do ciberespaço ao qual o sujeito está permanentemente conectado com outras ‘parcelas da realidade’ como os espaços urbanos que se constituem essas espacialidades híbridas. Ademais, é interessante destacar que a autora nos mostra a condição ‘móvel’ dessa espacialidade híbrida, não apenas em função do aparelho, mas em função que o próprio sujeito se locomove executando ações que também demandam mobilidade.

Isto é, a partir da experiência do sujeito, que se faz presente e precisa considerar elementos tanto de materialidade quanto do ciberespaço de forma concomitante para constituir sua atividade desejada. Contudo, tal perspectiva que utilizamos na pesquisa sobre *Pokémon Go* e que apresentaremos em seus resultados na sequência, pode ser bastante questionada em função da compreensão que possui acerca do ciberespaço e da materialidade enquanto opostos que se encontram e se hibridizam o que, como vimos até aqui, apresenta fragilidades.

Dessa forma, podemos considerar que existe uma discussão bem consistente com contribuições de áreas diversas do conhecimento para pensarmos o ciberespaço através da experiência do sujeito que navega através dele. Nos dois próximos capítulos apresentaremos duas pesquisas empíricas nas quais buscamos compreender alguns fenômenos através dessa perspectiva subjetiva do ciberespaço sendo o primeiro o jogo *Pokémon Go* e o segundo a educação à distância. O primeiro se trata da pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso e o segundo de minha dissertação de mestrado e, como veremos, eles implicam em discussões distintas acerca da fenomenologia e do ciberespaço em função da própria natureza de cada fenômeno estudado.

POKÉMON GO NA CIDADE DE SANTA MARIA (RS)

A pesquisa que explicaremos nas páginas a seguir foi realizada entre março e outubro de 2020, isto é, durante a pandemia da COVID-19. Interessante mencionar que a pandemia influenciou na constituição da metodologia, pois inicialmente havíamos pensado em fazer um estudo junto dos grupos de jogadores de *Pokémon Go* em Santa Maria e com base em uma metodologia etnográfica, mas em função da necessidade do isolamento e para evitar aglomerações tivemos de redirecionar para uma pesquisa que focasse em um único sujeito.

Antes de abordarmos com maior profundidade a metodologia que utilizamos é importante mencionarmos do que se trata o jogo. *Pokémon Go* é um jogo para smartphones que implica a utilização de uma conexão com a internet e com o GPS (Global Positioning System em inglês) e softwares como o Google Maps que implicam que o jogador se desloque pela cidade para acessar os mais diversos elementos que o jogo permite.

A ideia para esse jogo advém da franquia *Pokémon* que surge nos anos 1990 com jogos para consoles da época lançados pela empresa japonesa Nintendo. Além dos jogos, foi produzida uma animação que segue a história de Ash, um menino de 10 anos que tem como objetivo se tornar o principal treinador de *pokémons*. Mas afinal o que são tais criaturas? Os *pokémons* se tratam de seres inspirados em animais, plantas ou mesmo em rochas que possuem consciência e poderes especiais, por exemplo, o símbolo da franquia é o *pikachu* que se trata de um roedor com poderes vinculados a eletricidade.

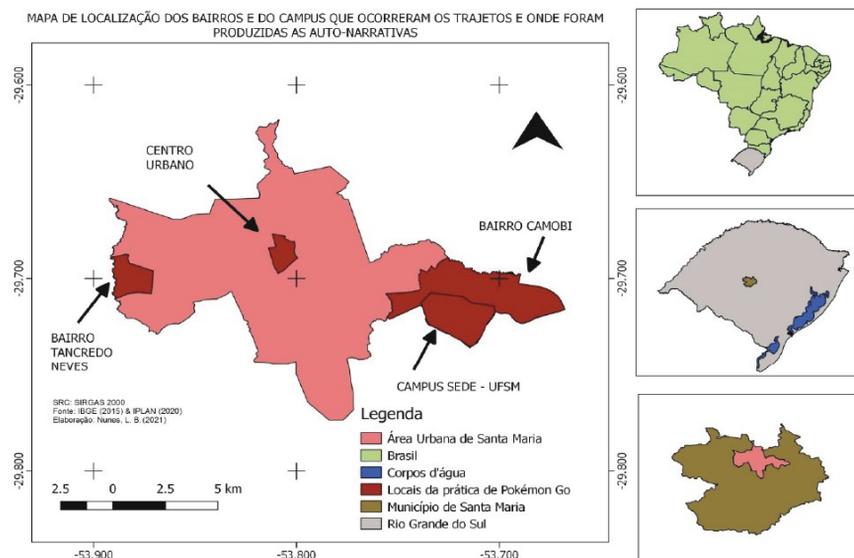
Na história dos jogos e das animações, os humanos utilizam dos *pokémons* no dia a dia seja para funções como vinculadas a segurança ou atividades econômicas, mas também para o divertimento em competições que envolvem lutas em formato de duelos entre tais criaturas, cada qual com seus treinadores. Uma questão central na franquia é a captura do *pokémon* que em outras palavras ocorrer quando o treinador domina o

pokémon selvagem e apreende em um equipamento chamado *pokébola*.

Dentre as lutas que ocorrem na franquia, muitas acontecem nos ginásios que comumente, bem como existe todo um conjunto de personagem como pesquisadores e agentes de saúde para treinadores e *pokémons*. No jogo, os ginásios e o que é chamado de *poképarada* que serve para coletar insumos para capturar e treinar os *pokémons* como as *pokébolas* bem como os *pokémons* estão distribuídos pela cidade. Comumente áreas como o centro da cidade possuem mais elementos do que outras partes o que indica que o jogo acompanha uma dinâmica das próprias cidades.

Em nossa pesquisa, a perspectiva de apresentar a prática do jogo a partir de um único sujeito demandou a busca por uma estratégia de pesquisa adequada, isto é, que permitisse acessar a minha inserção enquanto jogador no espaço urbano de Santa Maria no momento enquanto ela ocorria. Contudo, para empreender essa pesquisa adequadamente, toda a metodologia teve que ser pensada a partir da minha prática enquanto jogador, ou seja, não se tratava apenas de como iríamos acessar as experiências e percepções, mas onde que eu jogaria e por quê.

Assim, estabelecemos três bairros e um campus universitário principais ao longo da cidade (figura 1) nos quais eu já jogava *Pokémon Go* ou tinha interesse em jogar por alguma razão pessoal. Ao longo desses quatro locais, estabeleci um total de sete trajetos enquanto jogava, esses trajetos foram definidos ao longo da prática do jogo e com base em questões como a quantidade de elementos do jogo o que me atraía para determinadas partes dos bairros ou do campus em detrimento de outras.

Figura 1. Locais nos quais ocorreu a prática do jogo

Fonte: Nunes e Costa (2022)

Como podemos ver no mapa acima, os quatro locais nos quais jogamos *Pokémon Go* foram o Bairro Camobi, o Campus sede da Universidade Federal de Santa Maria, o Centro da cidade e o Bairro Tancredo Neves. Os dois primeiros foram escolhidos porque eu já costumava jogar, o terceiro em função da grande quantidade de elementos do jogo que apresenta e o último por ter curiosidade de jogar nesse bairro já que não o conhecia e ele era muito mencionado por colegas e amigos.

Resolvida esta questão de onde jogar, partimos para a forma através da qual registramos nossa prática do jogo, falamos aqui das auto-narrativas. Para entender do que elas se tratam, precisamos compreender o que são as narrativas e sua relação com a geografia e a fenomenologia. Nesse sentido, vejamos o que Lindón (2008) nos diz acerca das formas pelas quais comumente captamos a espacialidade dos fenômenos em Geografia:

La pregunta previa –¿cómo captar estas prácticas con su espacialidad? -parecería que al menos, abre tres caminos posibles, siempre y cuando se trate prácticas que ocurren en la actualidad: un camino es la observación de las prácticas y su espacialidad. Otro camino metodológico consiste en dar cuenta de esas prácticas y su espacialidad a través de imágenes diversas. Y una tercera vía es acceder a las prácticas y sus espacios a través del discurso del propio sujeto que realiza esas prácticas. De estos tres caminos nos interesa detenernos de manera particular sobre el tercero: lo discursivo. Posiblemente, una justificación de este énfasis se pueda hallar en que, de los tres caminos el discurso es el más alejado de la tradición geográfica, que siempre encontrará más tendencia a recurrir a una imagen de un territorio (como una fotografía), o a la observación directa. Sin embargo, esta tradicional lejanía entre el interés geográfico y la discursividad priva al geógrafo de un acervo de sentido muy importante para comprender la experiencia espacial de los sujetos. (LINDÓN, 2008, p.14) ⁶

A autora nos mostra três formas pelas quais comumente as/os geógrafas/os apreendem os fenômenos que estudam, sendo a observação e as imagens e representações do espaço as preferidas. Podemos considerar que essa preferência remonta não apenas os primórdios da Geografia enquanto ciência moderna, mas o pensamento filosófico cartesiano e posteriormente positivista que preconiza os chamados ‘sentidos’ do corpo como a visão e a audição em detrimento de outras formas de captar a experiência humana e os fenômenos do mundo.

Tendo em vista isso, a autora nos indica que a perspectiva discursiva, isto é, a aquela que se dá através tanto de conversas e entrevistas quanto de narrativas e, até mesmo, materiais escritos ficou sempre em segundo plano para as/os geógrafas/os. Junto disso, há o problema destacado de que esse afastamento da utilização de métodos discursivos, dentre outras

⁶ A questão anterior – como captar estas práticas com a sua espacialidade? -Parece que abre pelo menos três caminhos possíveis, desde que trate de práticas que ocorrem atualmente: um caminho é a observação das práticas e sua espacialidade. Outro caminho metodológico consiste em dar conta dessas práticas e de sua espacialidade por meio de imagens diversas. E uma terceira forma é acessar as práticas e seus espaços através do discurso do sujeito que realiza essas práticas. Destes três caminhos interessa-nos deter-nos em particular no terceiro: o discursivo. Possivelmente, uma justificativa para esta ênfase pode ser encontrada no fato de que, dos três caminhos, o discurso é o mais distante da tradição geográfica, que encontrará sempre mais tendência a recorrer a uma imagem de um território (como uma fotografia), ou para observação direta. Contudo, esta distância tradicional entre o interesse geográfico e a discursividade priva o geógrafo de uma riqueza de significado muito importante para compreender a experiência espacial dos sujeitos. (LINDÓN, 2008, p.14)

questões que possam ser elencadas, afastou também as/os pesquisadoras/es da Geografia de apreender de maneira mais apropriada a experiência dos sujeitos.

Por quê concordamos com essa colocação da autora? Ora, uma fotografia, mapa ou carta e até mesmo uma observação *in loco* representam em primeiro lugar apreensões de escalas que vão para além daquelas dos sujeitos. Por exemplo, uma carta topográfica apreende uma escala de fenômenos a qual o sujeito dificilmente tem acesso como parte do seu cotidiano e já uma observação *in loco* ou mesmo uma observação participante embora procedimentos válidos ainda partem da perspectiva do pesquisador e não do sujeito que experiencia o fenômeno.

Assim, uma estratégia de pesquisa narrativa nos parece acertada tanto para a pesquisa em questão quanto para nossa perspectiva fenomenológica, mas falaremos mais sobre essa relação com a fenomenologia adiante. Vejamos o que Lindón (2008) nos diz acerca do que significa uma narrativa:

Por todo ello, en estas líneas que siguen evitamos referirnos a las narrativas en términos de entrevistas, aun cuando indudablemente requieren de la situación de entrevista. De igual forma, no nos referiremos al problema de la grabación, aunque tampoco puede quedar duda que las narrativas de vida solo pueden ser registradas como grabación (o videograbación). La decisión de no ubicar la aproximación en estas visiones técnicas deriva del interés por destacar la complejidad que supone la producción de una narrativa de vida espacial, por parte de un sujeto que se encuentra cara a cara con otro, el investigador. Esta forma de acercamiento a la realidad se funda en lo que Jérôme Bruner (1984; 1986) denomina “pensamiento narrativo”. Esta forma de pensamiento –muy antigua en la historia de la humanidad consiste en contarnos a nosotros mismos, o a los otros, historias. La particularidad de reconocer que en esta vieja práctica opera un tipo de pensamiento responde a que, al contar esas historias, vamos construyendo los significados de nuestras experiencias. Así, la construcción del significado surge de la narración. (LINDÓN, 2008, p. 17)⁷

7 Por todas estas razões, nas linhas que se seguem evitamos referir-nos às narrativas em termos de entrevistas, ainda que sem dúvida exijam a situação de entrevista. Da mesma forma, não nos referiremos ao problema do registro, embora não possa haver dúvida de que as narrativas de vida só podem ser registradas como gravação (ou gravação em vídeo). A decisão de não situar a abordagem nessas visões técnicas decorre

Esse trecho é bastante relevante para nossa pesquisa, pois a autora nos indica que uma narrativa está implica em ‘contar uma história’ e que ao longo dessa própria narração que se constroem significados para os fenômenos, isto é, o próprio processo narrativo está implicado na produção de significados para as experiências dos sujeitos. Além disso, a autora nos indica uma diferenciação da narrativa para a entrevista de qualquer tipo, isto é, uma narrativa está vinculada, aqui, a noção de relato, contação de um sujeito para outro sobre suas experiências.

Dessa forma, as narrativas se constituem enquanto formas muito própria que se aproximam dos fenômenos e que estão necessariamente implicadas em pesquisas como a nossa, isto é, que tenham por base uma perspectiva filosófica ou teórico-metodológica que diga respeito a busca pelos sujeitos que constituem os fenômenos. Dito isso, pensando nessa característica das narrativas podemos considerar que elas estão adequadas para a perspectiva fenomenológica haja vista que são estratégias de pesquisa que nos aproximam ao máximo do sujeito, das trocas que ele pode estabelecer com o mundo e de sua perspectiva sobre os fenômenos.

Isto é, uma narrativa considerada da forma como Lindón (2008) nos expôs, ela pode se caracterizar como ótima forma de adentrar um fenômeno na perspectiva fenomenológica, em especial, por essa característica de ser pensada para que os sujeitos falem sobre suas experiências, percepções e representações acerca dos fenômenos que vivenciam. Contudo, em nossa pesquisa o pesquisador não se tratavam de um ‘outro’ que iam buscar compreender o fenômeno, mas do próprio sujeito inserido no fenômeno.

Visando resolver essa questão, lançamos mão de uma ‘variação’ das narrativas que são descritas por Johnson-Mardones (2018, p.864) da seguinte forma:

do interesse em evidenciar a complexidade envolvida na produção de uma narrativa de vida espacial, por um sujeito que se depara com outro, o pesquisador. Esta forma de abordagem da realidade baseia-se no que Jérôme Bruner (1984; 1986) chama de “pensamento narrativo”. Esta forma de pensar – muito antiga na história da humanidade – consiste em contar histórias a nós mesmos ou aos outros. A particularidade de reconhecer que um tipo de pensamento opera nesta velha prática responde ao fato de que, ao contar essas histórias, construímos os significados das nossas experiências. Assim, a construção do sentido emerge da narrativa. (LINDÓN, 2008, p. 17)

Ahora bien, cuando la historia contada toma la forma de una narración en primera persona estamos frente a una self-narrative o auto-narrativa. Por lo tanto, la auto-narrativa es la historia de alguien contada por él-ella, o ellos/ellas, mismas tiendo un fuerte componente[auto] biográfico. La auto-narrativa ha sido utilizada en diferentes enfoques en investigación cualitativa, pero es básicamente se trata de um conjunto de historias que definen al yo en forma narrativa (Fitzgerald, 1996). La auto-narrativa, dirá Lewis, abarca “una variedad de método en los que el autor-investigador escribe sobre sí mismo como un modo de indagación para comprender mejor un problema en particular o responder una pregunta.”⁸

No trecho acima temos a indicação do que estamos chamando de ‘variação’ das narrativas que foi utilizada em nossa pesquisa, isto é, as auto-narrativas. As auto-narrativas seriam essa forma de contação de história que vimos por Lindón (2008), mas realizadas pelo próprio pesquisador em busca de entender o fenômeno que estuda e que também está inserido. As auto-narrativas, além disso, se especificam por demarcar, por exemplo, o uso da primeira pessoa do singular na produção dos resultados e com isso deixar evidente que a/o pesquisador/a está falando a partir de sua perspectiva sobre o fenômeno.

Assim, quando nos deslocamos pela cidade de Santa Maria (RS) ao longo dos trajetos nos locais que indicamos na figura 1, utilizamos o *smartphone* para jogar *Pokémon Go* e também gravar nosso áudio produzindo as auto-narrativas e o conteúdo da tela. Dessa forma, podemos captar não apenas o que se fala ao longo da prática, mas também o que eu via na tela e, assim, após as transcrições das auto-narrativas da fala inserir capturas da tela do que se passava no jogo.

Nas próximas linhas apresentaremos trechos das auto-narrativas, mas os trechos que apresentaremos não são escolhidos ao acaso, mas trechos que foram divididos de acordo com o que representam dentro dessas auto-narrativas e com base nos princípios fenomenológicos e conceitos

8 Agora, quando a história contada assume a forma de uma narrativa em primeira pessoa, estamos lidando com uma autonarrativa. Portanto, a autonarrativa é a história de alguém contada por ele, ou por ele mesmo, que tem um forte componente [auto]biográfico. A autonarrativa tem sido utilizada em diferentes abordagens na pesquisa qualitativa, mas é basicamente um conjunto de histórias que definem o self em forma narrativa (Fitzgerald, 1996). A autonarrativa, dirá Lewis, abrange “uma variedade de métodos nos quais o autor-pesquisador escreve sobre si mesmo como um modo de investigação para melhor compreender um problema específico ou responder a uma pergunta.

que analisados. Isto é, não apresentaremos as auto-narrativas em sua totalidade, mas trechos representativos dos grupos de significados que após o que podemos chamar de redução fenomenológica destacamos como definidores dessas experiências ao longo de Santa Maria (RS).

Ao longo da discussão dos resultados destacamos os três grupos de significado: 1) Aborda a questão da relação corpo-movimento-espço; 2) Trata do Espaço Híbrido e 3) Esboça a possibilidade da “geograficidade híbrida”. Vejamos um primeiro trecho de um trajeto realizado no centro de Santa Maria:

Ah esse *Panpour*⁹ eu vou dar um abacaxi porque tenho poucos deles. **Ah isso aqui tem que mostrar, é um prédio que tem uma arte aqui muito legal ó: “Moça apaixonada” (Figura 40) é um busto que fica permanentemente num prédio. Isso é interessante porque foi através do jogo que eu descobri esse *pokéstop* porque se eu passasse caminhando por aqui sem jogar, ele seria só mais um prédio sem importância, mas observando os *pokéstops* eu percebi.** Isso logo que baixou o jogo em 2016. Muito interessante isso. Eu costumava morar aqui perto de onde estou passando agora. Tem um balão da Equipe *Rocket* me seguindo.

Figura 2. *Pokéstop* da Moça Apaixonada reconhecido a partir do jogo



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2020)

9 Este termo se trata do nome de um dos *pokémons*.

Esse trecho que implica também a imagem haja vista o que mencionamos acerca da nossa compreensão das auto-narrativas, isto é, tais imagens fazem parte da experiência e das percepções que estão sendo narradas. Dito isso, vejamos o que o trecho nos apresenta tendo em vista os três grupos de significados que organizamos. Em um primeiro momento no trecho grifado em **negrito**, vemos que descobri essa estátua na janela em função do jogo o que me fez apreender essa rua de uma forma distinta.

Tendo em vista isso, podemos considerar que esse trecho faz parte do segundo grupo de significado, isto é, a partir do que vimos através de Souza e Silva (2006) acerca dessa noção de espaço híbrido enquanto a imbricação do restante do espaço geográfico com o ciberespaço que se dá no movimento de usuário permanentemente conectados. Só foi possível compreender a presença da estátua em função de se trata de um *pokéstop* e, também, apreender de forma amalgamada o busto e *pokéstop*. Isto é, uma coisa só passa a fazer sentido em função da outra, pois na prática do jogo ambos são um único elemento.

Essa questão do espaço híbrido enquanto uma espacialidade que se constitui na prática do usuário e que implica em amalgamar elementos do espaço urbano com o ciberespaço, em especial, no caso de *Pokémon Go* nos levou a considerar a possibilidade de uma ‘geograficidade híbrida’. Tal proposição não visa revisar ou divergir daquela proposição feita por Dardel (2015), pelo contrário, ela tem apenas o objetivo de enfatizar a presença de elementos do ciberespaço nessa efetivação geográfica da existência. Acerca disso, vejamos mais um trecho, mas agora de um dos trajetos realizado no bairro Camobi:

No dia-a-dia eu não costumo vir tanto para esse lado aqui jogar *Pokémon Go* porque tem uma péssima infraestrutura de mobilidade. O que é uma péssima infraestrutura de mobilidade? Não tem calçada para gente andar. É uma rodovia, a Faixa Nova¹⁰ é uma rodovia, a RS-287 então a gente fica numa posição bem ruim. Esse *pokémon* aqui não quer vir, mas ele vai vir. É bom ter um *Sudowoodo*, é tipo pedra.

10 Importante explicar do que se tratam os termos ‘faixa nova’ e ‘faixa velha’, eles são referência a RS-287 e RS-509, respectivamente que são duas rodovias estaduais que cruzam pelo bairro Camobi e são comumente chamadas dessa forma.

Como podemos ver, esse trecho nos traz um comentário sobre meu hábito de jogo em Camobi, contudo, esse ‘hábito’ não é direcionado ao acaso, ele implica dentre outras questões, a possibilidade de locomoção. Ou seja, consideramos enquanto uma expressão da geograficidade, pois tais questões implicam em conhecimentos e práticas cotidianas com/no espaço. Assim, não se trata apenas de escolher onde jogar, mas os motivos pelos quais se joga produzem conhecimentos e significados com/sobre o espaço em função da prática do jogo. Ainda sobre a ‘geograficidade híbrida’ vejamos o seguinte trecho:

Mas além disso para cá não aparece muitos elementos do jogo não. É meio chato jogar aqui. Mas vou atravessar a rua e ir em direção às ruas de trás porque estou vendo que tem um ginásio e talvez seja mais interessante. Sinto que na Faixa Velha o jogo é meio monótono, já faz uns minutinhos que estou andando pela Faixa Velha e o último *pokémon* que apareceu foi na Roraima. Ó recém apareceu um aqui, é o primeiro que aparece desde que entrei pra Faixa Velha. Agora vou entrar aqui nessa rua e sair da Faixa Velha.

Aqui podemos ver uma forma de identificação ou mesmo de representação da Faixa Velha enquanto um local que, embora em termos de locomoção, seja melhor que a Faixa Nova, apresenta um número menor de elementos do jogo tornando a prática dele nesse local, chata ou monótona. Dessa forma, o que estávamos dizendo acerca da noção de ‘geograficidade híbrida’, a prática do jogo implicou em representações (enquanto formas de conhecimento) sobre o espaço urbano de Santa Maria, seja em função dos elementos do jogo seja em função das condições materiais para locomoção.

Tais representações e conhecimentos que constituem essa ‘geograficidade híbrida’ bem como o que a formação do próprio espaço híbrido só se dá em função do primeiro grupo de significados que diz respeito ao corpo, ao movimento e ao espaço haja vista que a geograficidade se dá a partir da inserção do sujeito-corpo no mundo. Acerca disso vejamos os dois trechos a seguir:

Estou fazendo mais ou menos o mesmo trajeto que faço quando jogo aqui no campus, outra coisa que gosto de jogar aqui é esse certo contato com uma área verde. Por exemplo, essa parte que estou da pista multiuso fica bem no meio de umas árvores e agora estou passando por uma ponte e assim como perto do RU dá pra ouvir o barulho da água que é muito agradável. Fazer um pouco do que eu faço quando chego nessa parte aqui que é ficar em silêncio e ouvir o barulho do entorno e me sentir pertencente ao lugar. É algo que se significa no processo de estar aqui.

Pegar esse *Bellsprout* também porque posso fortalecer meus *Victreebell*. Bueno ficar aqui na sombra dessa árvore pra pegar o ginásio. Tá muito quente. Sensação ótima de fazer essa batalha de ginásio aqui, só eu, *pokémon go*, o ventinho e os passarinhos. Tenho que pegar o ginásio antes que comece a reide. Morreu um! Morreu dois! Falta só esse *Zubat* aqui, agora ele vai. Foi! Tchau, *Zubat*! Vamos botar meu *Victreebell* novo (Figura 3) porque é um dia de sol, calor e daí os pokémons tipo terra, planta e fogo são beneficiados.

Figura 3. *Victreebell* no ginásio



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2020)

Destacamos esses dois trechos porque eles apresentam algumas questões relevantes para esse grupo de significados, a primeira delas que podemos elencar é a percepção enquanto esse fundo que através do qual se apreende o mundo. Por exemplo, trechos como as menções ao vento, ao calor, a sombra da árvore e o barulho da água corrente nos indicam a percepção em plena ‘realização’. Isto é, a percepção nos leva a apreender os mais diversos elementos aos quais estamos expostos, apesar de nossa intencionalidade estar direcionada para um ou outro, a percepção diz respeito a essa abertura para o mundo.

Outra questão importante desses trechos diz respeito ao corpo, a intencionalidade a ao movimento considerando estes dois últimos da forma como Merleau-Ponty (2018) aborda, isto é, de maneira conjunta. Podemos ver que a própria escolha do trajeto, ou seja, aquele trajeto que estava acostumado a fazer diz respeito à intencionalidade, pois é um direcionamento para o posicionamento do próprio corpo no espaço e para onde se locomover.

Da mesma forma podemos considerar essa vinculação com a intencionalidade quando se fala no direcionamento para este ou aquele ginásio do jogo o que, também, no caso de *Pokémon Go* não se trata apenas de um movimento dos olhos ou do uso do celular, mas de um deslocamento do sujeito até determinado elemento material que é o ginásio no ciberespaço. Assim, quando digo que vou deixar um dos meus *pokémons* no ginásio estou pondo em atuação meu corpo próprio que sem precisar de um momento de reflexão se dirige para o local em função de minha intencionalidade.

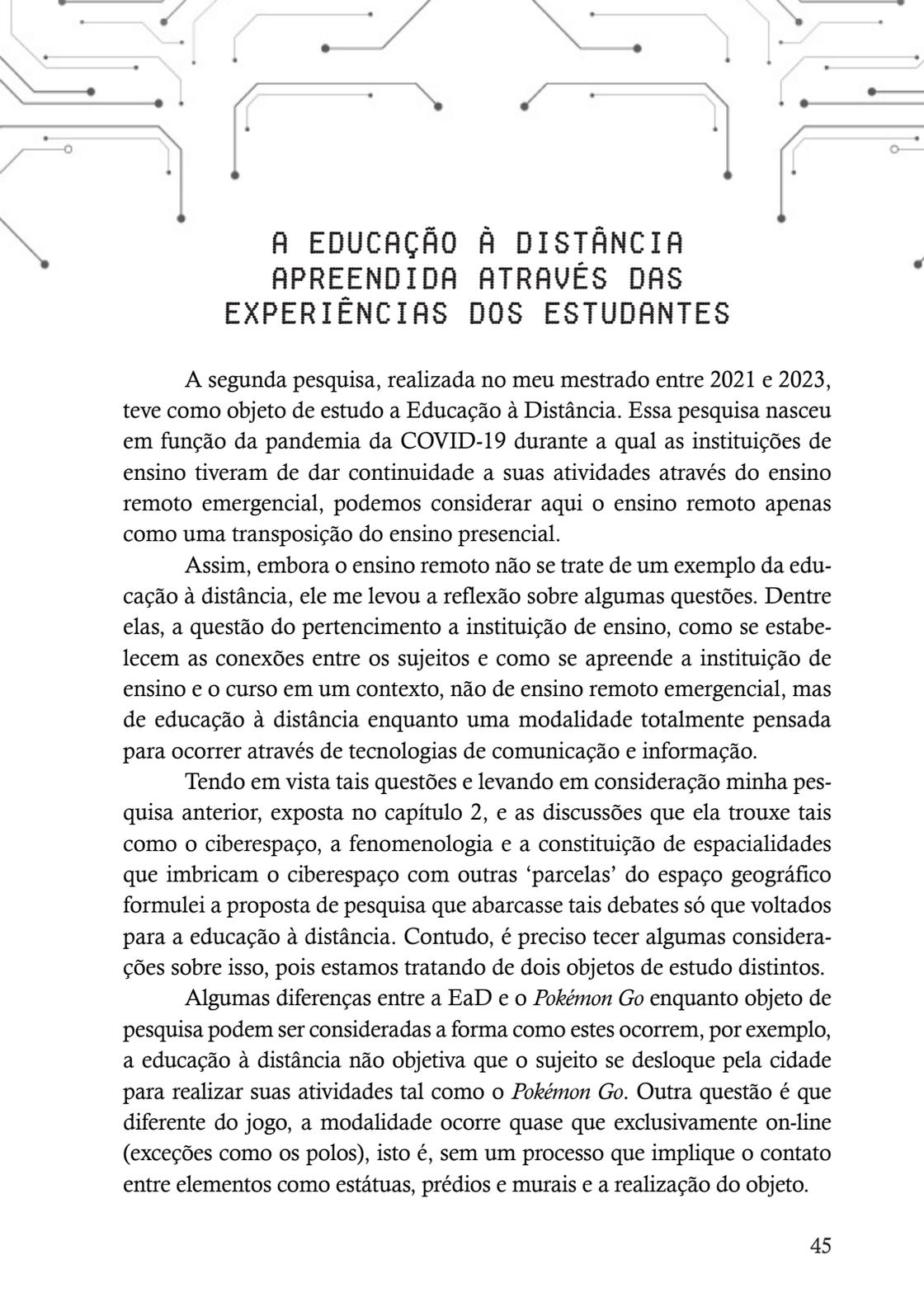
Dessa maneira, podemos considerar que a prática de *Pokémon Go* implica diretamente no fato que o sujeito é um ser corpóreo cuja experiência enquanto ser-no-mundo só se dá através e com o corpo. Esta é uma questão importante acerca do jogo em função de que apesar outros jogos praticados dentro de casa em consoles de videogames também impliquem no corpo, *Pokémon Go* se destaca em função de ser praticado do lado de fora e necessitar de deslocamentos longos ao longo da cidade e trazer maior nitidez a questão do movimento.

Ademais, importante mencionar a relevância do corpo e do movimento para a constituição da espacialidade híbrida, Souza e Silva (2006) já havia destacado que tal espacialidade está vinculado a mobilidade dos

usuários. Contudo, *Pokémon Go* implica ainda mais nessa questão haja vista a característica que o jogo exige dos usuários. Ou seja, podemos considerar que *Pokémon Go* seria o exemplo perfeito da noção de espacialidade híbrida, pois implica tanto na conexão permanente ao ciberespaço e presença no espaço ‘material’ da cidade quanto em uma imbricação da experiência do usuário misturando em suas percepções o jogo e o que lhe é externo.

Dito isso, podemos considerar que a experiência de jogar *Pokémon Go*, discutida a partir da minha experiência com o jogo em Santa Maria, perpassa pela percepção e conseqüentemente pelo corpo, pela intencionalidade e pelo movimento. O que através da prática do jogo que comumente é inserida no cotidiano dos jogadores permite a conformação/produção dessa espacialidade híbrida que é, portanto, efêmera já que constituída apenas no momento da prática do jogo.

A espacialidade híbrida e a prática do jogo no dia a dia permite que sejam constituídas representações e conhecimentos sobre o espaço urbano de Santa Maria e podemos inferir que poderiam ser construídos acerca de outras cidades através da prática de outros jogadores. Tais conhecimentos, representações e práticas cotidianas do jogo que compõem o que chamamos de uma ‘geograficidade híbrida’.



A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA APREENDIDA ATRAVÉS DAS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES

A segunda pesquisa, realizada no meu mestrado entre 2021 e 2023, teve como objeto de estudo a Educação à Distância. Essa pesquisa nasceu em função da pandemia da COVID-19 durante a qual as instituições de ensino tiveram de dar continuidade a suas atividades através do ensino remoto emergencial, podemos considerar aqui o ensino remoto apenas como uma transposição do ensino presencial.

Assim, embora o ensino remoto não se trate de um exemplo da educação à distância, ele me levou a reflexão sobre algumas questões. Dentre elas, a questão do pertencimento a instituição de ensino, como se estabelecem as conexões entre os sujeitos e como se apreende a instituição de ensino e o curso em um contexto, não de ensino remoto emergencial, mas de educação à distância enquanto uma modalidade totalmente pensada para ocorrer através de tecnologias de comunicação e informação.

Tendo em vista tais questões e levando em consideração minha pesquisa anterior, exposta no capítulo 2, e as discussões que ela trouxe tais como o ciberespaço, a fenomenologia e a constituição de espacialidades que imbricam o ciberespaço com outras ‘parcelas’ do espaço geográfico formulei a proposta de pesquisa que abarcasse tais debates só que voltados para a educação à distância. Contudo, é preciso tecer algumas considerações sobre isso, pois estamos tratando de dois objetos de estudo distintos.

Algumas diferenças entre a EaD e o *Pokémon Go* enquanto objeto de pesquisa podem ser consideradas a forma como estes ocorrem, por exemplo, a educação à distância não objetiva que o sujeito se desloque pela cidade para realizar suas atividades tal como o *Pokémon Go*. Outra questão é que diferente do jogo, a modalidade ocorre quase que exclusivamente on-line (exceções como os polos), isto é, sem um processo que implique o contato entre elementos como estátuas, prédios e murais e a realização do objeto.

Assim, diferente de um jogador de *Pokémon Go* que se desloca pela cidade e percebe esse espaço urbano amalgamando com o ciberespaço do jogo (a tal da espacialidade híbrida) o estudante da modalidade à distância comumente está em uma sala utilizando seu computador ou celular para ter acesso aos conteúdos e atividades. Por que isso é relevante? Porque altera as categorias, conceitos e estratégias de pesquisa empregados para a realização do estudo.

Por exemplo, o espaço híbrido já não pode ser empregado enquanto conceito para explicar esse fenômeno estudado, pois não é possível relacioná-lo especialmente pelo fato que as espacialidades híbridas nos termos de Souza e Silva (2006) necessitam do movimento para ocorrer. Dito isso, por mais que minha reflexão inicial para formular a pesquisa tenham partido de meu estudo anterior, várias questões precisaram ser reformuladas.

Antes de aprofundarmos as discussões da metodologia da pesquisa, precisamos considerar a definição que o Estado brasileiro atribui para esta modalidade, nela ficam nítidas duas questões: a primeira diz respeito ao fato que os processos didático-pedagógicos serem realizados por sujeitos distantes uns dos outros e, a segunda, indica que tais processos devem ser empreendidos através de tecnologias de informação e comunicação (BRASIL, 2017).

Temos, portanto, uma modalidade que separa os sujeitos que a realizam e que os conecta através e das tecnologias (e, por consequência, do ciberespaço). Assim, a questão agora é compreender as experiências, percepções e representações que se constituem através da realização cotidiana das atividades do curso pelos estudantes universitários de diferentes instituições, áreas do conhecimento e de diferentes níveis (tanto da graduação quanto da pós-graduação).

Dito isso, é interessante ‘posicionarmos’ nossa pesquisa dentre o conjunto de pesquisas acerca da educação à distância. Através de uma breve busca em plataformas como Scielo, Periódicos da CAPES e Google Acadêmico podemos considerar que existem três eixos de pesquisas mais comuns sobre a modalidade à distância, são eles: 1) as críticas e defesas da modalidade; 2) a discussão da metodologia e propostas didáticas e 3) a qualidade da formação de profissionais por cursos à distância.

O primeiro grupo é aquele no qual se realizam debates como: a modalidade à distância pode ser uma ferramenta da expansão do acesso ao ensino

superior, em especial, em cidades do interior versus a modalidade representa uma ferramenta de precarização do ensino e da formação de profissionais e é de total interesse de grandes empresas do setor educacional. Esse debate, se estende através de vários dados e reflexões sobre possibilidades da EaD e, também, como ela se caracteriza como um potencial ‘inimigo’ da educação.

Já o segundo e o terceiro grupos apenas tomam a educação à distância como um fato e buscam discuti-la com o intuito de melhorá-la. Por exemplo, o segundo grupo busca discutir como melhor apresentar os conteúdos e quais atividades colocar à disposição das/os estudantes no sentido de melhorar a gama de materiais dos cursos à distância. Por fim, o terceiro grupo realiza pesquisas tanto qualitativas quanto quantitativas com o intuito de sistematizar a qualidade da formação dos profissionais da EaD e apontar possibilidades de melhorar tal formação.

A pesquisa que vamos apresentar nas próximas páginas difere levemente dos três grupos, pois tomamos a EaD como um fato, mas buscamos apenas constatá-lo a partir das experiências, percepções e representações das/os estudantes. Ou seja, não temos como objetivo discutir a modalidade como um todo e, também, nem ela por si mesma, mas considerá-la a partir do ‘nível’ de alguns sujeitos que a compõem.

Dito isso, precisamos fazer algumas considerações semelhantes as que fizemos no capítulo anterior, contudo, dando atenção para a especificidade do novo fenômeno. Como vimos, a fenomenologia traz para as pesquisas a exigência de buscar captar os fenômenos em ato, isto é, enquanto estão ocorrendo; sendo assim, como captar as experiências, percepções e representações de estudantes da educação à distância enquanto elas estão se constituindo?

Para resolvermos tal situação, lançamos mão da possibilidade de nos inserimos nas atividades diárias das/os estudantes da modalidade. Assim, depois de contatamos estudantes de diferentes cursos via e-mail e obter respostas positivas de sete deles, organizamos a seguinte estratégia de pesquisa: eu iria me encontrar virtualmente com eles, através de plataformas de chamada de vídeo como o Google Meet e gravar o áudio dessa interação. Acerca disso vejamos a fala de Kozinets (2014, p.107):

Realizar uma entrevista por meio de seu computador significa que suas comunicações serão moldadas pelo meio que você usa. Adaptação significa que as comunicações culturais já estão adaptadas a determinados meios online. Adaptação e acessibilidade facilitam o compartilhamento de documentos ou imagens fotográficas. O arquivamento implica que a entrevista pode ser automaticamente transcrita e salva.

Nesse trecho temos algumas questões importantes para quando se trata de uma pesquisa que se dá no ciberespaço, as estratégias de pesquisa precisam ser diferentes para se adequar e que isso vai impactar a forma como se aproxima do fenômeno. Dessa forma, quando dizemos que me conectei com as/os estudantes enquanto estes estavam realizando suas atividades através de vídeo-chamadas o que ocorre é uma adaptação para que possamos apreender este fenômeno tal como ele ocorre, isto é, através do ciberespaço.

Assim, nossos encontros com as/os estudantes nos ‘introduziram’ ao longo da modalidade à distância e ao longo dessas conversas gravadas instantaneamente pudemos captar um pouco de suas experiências, percepções e representações. Entretanto, uma questão crucial para a fenomenologia diz respeito a perspectiva do sujeito, isto é, a noção de trazer o sujeito ‘para frente’ da análise, logo, nesse caso não estaríamos acessando o sujeito, mas o sujeito e a modalidade através de mim enquanto pesquisador em diálogo com as/os estudantes.

Dessa forma, tomamos por base a discussão já evidenciada a partir de Lindón (2008) acerca do uso das narrativas em geografia e consideramos tais diálogos junto das/os estudantes não como entrevistas, mas como narrativas. Tais narrativas não poderiam contar apenas com o meu relato das conversas e também não poderiam ser transcritas apenas com a fala das/os estudantes porque elas são as narrativas da minha ‘introdução’ enquanto pesquisador na modalidade junto dessas/es estudantes.

Assim, as narrativas que construímos são compostas de transcrições das falas das/os estudantes e de algumas reflexões que eu fazia durante as conversas e que anotava em meu caderno. A estas narrativas demos o nome de ‘narrativas geográficas’ apenas para diferenciá-las de outros formatos de narrativa e, também, para deixar nítido que ela se trata não de uma narrativa derivada de uma entrevista ou de uma história de vida que são feitas *a posteriori* do fenômeno, mas da introdução do pesquisador no fenômeno enquanto ele se constituía.

As narrativas geográficas assim como as auto-narrativas do capítulo anterior se caracterizam, portanto, enquanto a descrição do fenômeno. Contudo, a descrição não é suficiente, apesar de ser um dos princípios fenomenológicos, ela deve ser sempre acompanhada de outro que é a redução fenomenológica. Para realizar isso nos inspiramos em Merleau-Ponty (2018) quando este nos diz que a redução precisa ter dois momentos, um primeiro para se verificar os principais enunciados da descrição e o segundo para se chegar às essências do fenômeno pesquisado.

Nesse sentido, no primeiro momento da redução fizemos a leitura das narrativas e através dela estabelecemos quatro ‘grupo-síntese’ que perpassaram essa nossa inserção na modalidade à distância, são eles: 1) Percepções, intencionalidades e corpos; 2) Perturbações; 3) Intersubjetividades, relacionamentos e vínculos e 4) Representações. A partir de agora, apresentaremos alguns trechos desses grupos-síntese e faremos a discussão deles com o intuito de demonstrar o processo do segundo momento da redução fenomenológica.

Vejamos um exemplo do primeiro grupo-síntese, relatado por um dos participantes acerca da sua ‘dinâmica’ de estudos e conexão com a plataforma através da qual o curso funciona.

Assim ó, em primeiro lugar eu olho se tem alguma notificação ou alguma mensagem porque os professores, mesmo colocando algum conteúdo ou alguma atividade nas disciplinas, eles sempre avisam, a maioria deles nos avisa deixando uma mensagem, então eu recebo as mensagens do moodle¹¹ lá no meu e-mail, então mesmo que eu não abra o moodle eu sei o que foi enviado, e aí se é algo assim mais urgente eu acesso o moodle, senão eu posso passar dois ou três dias sem acessar o moodle, mas a primeira parte que eu acesso é aqui nas notificações e nas mensagens. Depois, dependendo das mensagens que tenha, eu vou naquela disciplina e vejo o que precisa fazer, eu me organizo mais ou menos assim, e isso aqui é um semestre, vou anotar mais ou menos as datas, vou navegar por cada uma das disciplinas e de tempo em tempo eu volto em tempo pras disciplinas pra revisar e não perder as datas.

Aqui temos um pouco da forma através da qual uma das participantes se intenciona através da plataforma e da sua rotina de estudos. Isto é, ela possui um direcionamento para essa ou aquela funcionalidade

11 Essa é a plataforma, ou, também chamada de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

inicialmente, para se planejar e temporalidades distintas em função dos prazos das atividades. Interessante, lembrar o que Bernardes e Sposito (2009) mencionam acerca do sujeito no ciberespaço, isto é, existe uma intencionalidade em suas práticas o que possibilidade constituir certa noção de espacialidade dentro do próprio ciberespaço.

Outra questão importante deste trecho nos foi apontada por Merleau-Ponty (2018) quando o autor indica que a intencionalidade se constitui através do movimento e do corpo dos sujeitos. Mas como isso pode ser implicado nesse contexto, isto é, de um estudante em uma plataforma da modalidade à distância? Ora é preciso considerar que a partir da perspectiva do corpo próprio, por mais que o teclado e o mouse sejam objetos, eles passam a se configurar como extensões do corpo permitindo ao sujeito acessar o ciberespaço.

Assim, temos mesmo no caso da educação à distância a implicação do corpo, do movimento e da intencionalidade seja pelo contato com os elementos de hardware seja pelos direcionamentos através da plataforma. Contudo, esse contato com a plataforma pode ser alterado por perturbações ocasionais como vemos nos trechos que seguem:

- 1) Essa parte da conversa foi interrompida pela chegada da filha da participante, que quis dar um “oi” para a câmera e para qualquer pessoa com quem a mãe estivesse falando, o que foi outro momento de descontração na conversa.
- 2) vai ficar como duas de mim pra ti porque eu vou usar a imagem do computador e o som do celular daí, tudo bem?

Esses dois trechos possuem ‘origens’ distintas, o primeiro foi retirado da parcela de uma das narrativas que parte das minhas anotações realizadas durante os encontros com as/os participantes e o segundo é retirado diretamente da fala transcrita de uma das participantes. O que é importante de ambos os trechos é que perturbações ocorrem, seja como no primeiro trecho no qual relatado a chegada da filha da participante seja como no segundo no qual vemos o relato de problemas técnicos sofridos pela participante.

Essas perturbações demonstram um rompimento momentâneo da intencionalidade voltada para a plataforma e as atividades do curso. Entretanto, consideramos que fazem parte do conjunto das experiências da modalidade à distância, pois em função da característica permitida pela

modalidade de estudar a partir do momento de conexão com a plataforma, há uma tendência das atividades de cursos à distância se sobreporem a outras do cotidiano dos sujeitos. Assim, tais perturbações apesar deslocarem a intencionalidade, elas são englobadas naquilo que o sujeito considera como seu ‘momento’ de estudos e de realização das atividades.

O terceiro grupo-síntese que destacamos diz respeito a intersubjetividade, vejamos um exemplo das implicações da educação à distância em relação a esta temática.

Cara deixa eu pensar aqui em porcentagem, eu acho que eu conheço pessoalmente acho que 40% do curso porque eles vêm pra cá constantemente, a L. sempre vem porque era coordenadora do curso, professora C. sempre vem, V. sempre vem, é acho que conheço uma parte, sim. Eu sou também do colegiado do curso, e o curso foi avaliado pelo MEC essa semana, e foi uma coisa interessante, e cabe talvez no teu estudo, eu fiz uma graduação presencial e eu não era tão próximo dos professores do que eu sou dos professores e dos tutores da UFSM, porque eu tinha aula com os caras, mas tinha uma vez na semana, e agora eu tenho o whats de todo mundo, até porque eu era bolsista, então eu terminei conhecendo. Mas é interessante porque eu sou muito mais próximo deles, eu conheço mais eles do que os meus professores da graduação presencial.

Neste trecho, extraído da fala de um dos participantes, nos indica as relações que são estabelecidas através da modalidade. Podemos considerar como um exemplo bem singular, pois vemos que o estudante possui relação com vários professores e até mesmo funções dentro do curso o que pode indicar também que ele é visto pelos colegas como alguém de confiança para representá-los. O que é interessante para nós diz respeito apenas ao fato da constituição dessas relações e vínculos.

Ou seja, considerando a questão da intersubjetividade enquanto essa ‘negociação’ tal como indicou Serpa (2019), assim, podemos considerar que mesmo isso se constitui também na modalidade à distância. No trecho que trouxemos podemos ver que o estudante menciona até conhecer pessoalmente parte considerável dos professores do curso o que indica um conjunto de trocas e ‘negociações’.

Ademais, é importante considerar que isso pode se tratar de uma questão específica da experiência desse estudante, mas pensemos o seguinte. Mesmo em uma experiência na qual o contato ‘direto’ com outros

sujeitos é mínimo, existe um processo de ‘negociação’ em curso em função daquilo que Bernardes (2012) nos apontou quando ele indica que no ciberespaço sempre estamos ‘negociando’, pois para executar nossos projetos devemos fazê-lo através de *softwares* elaborados por Outrem.

Outra questão mencionada pelo estudante no trecho anterior diz respeito a uma breve comparação da relação com as/os docentes em relação a modalidade presencial e à distância. Tal questão nos conduz para o último grupo-síntese que diz respeito às representações, vejamos um trecho dele abaixo:

Posso sim, então a de Libras eu faço pela UNIASSELVI, eles te dão livro didático, uma trilha de aprendizagem e uma lista com as datas de cada atividade, tudo isso de uma vez só. Já na Geografia que eu faço pela UFSM, eles liberam por tópicos e isso ajuda a ficar mais próximo dos colegas e dos professores, já na UNIASSELVI eu vejo que a gente não tem contato com os colegas, com os professores ou com os tutores. Então, é que para entrar em contato com os professores pode ser ali pelo moodle, por e-mail e tem alguns professores que disponibilizam o WhatsApp, já na UNIASSELVI, eu nem sei quem são os professores e se eu quiser conversar com algum deles eu tenho que abrir um protocolo. É, nas especializações não tem nenhuma atividade em polos, na Geografia, pelo cronograma tem previsão que o professor faça atividades no polo só que ele até tava explicando isso em aula outro dia que isso depende de recursos então ela tá prevista, mas pode não acontecer. Na UNIASSELVI que é o de Libras tem uma prova de cada disciplina que a gente tem que fazer no polo, mas é uma prova não é uma aula porque tem alguns cursos que disponibilizam a cada semana ou de quinze em quinze dias tem um professor ou um tutor, não, tu vai lá e faz a prova e deu.

Esse trecho foi retirado da fala de uma das participantes, nele ela nos relata diferenças entre o processo de ensino-aprendizagem entre os cursos à distância que realiza em uma universidade privada e os cursos à distância que realiza em uma universidade pública. Por que tal questão se torna relevante? Pois ao longo das conversas, percebi que as representações das/os estudantes giravam em torno de três questões: a qualidade do curso, a diferença entre o presencial e a ead e a diferença entre as instituições públicas e privadas.

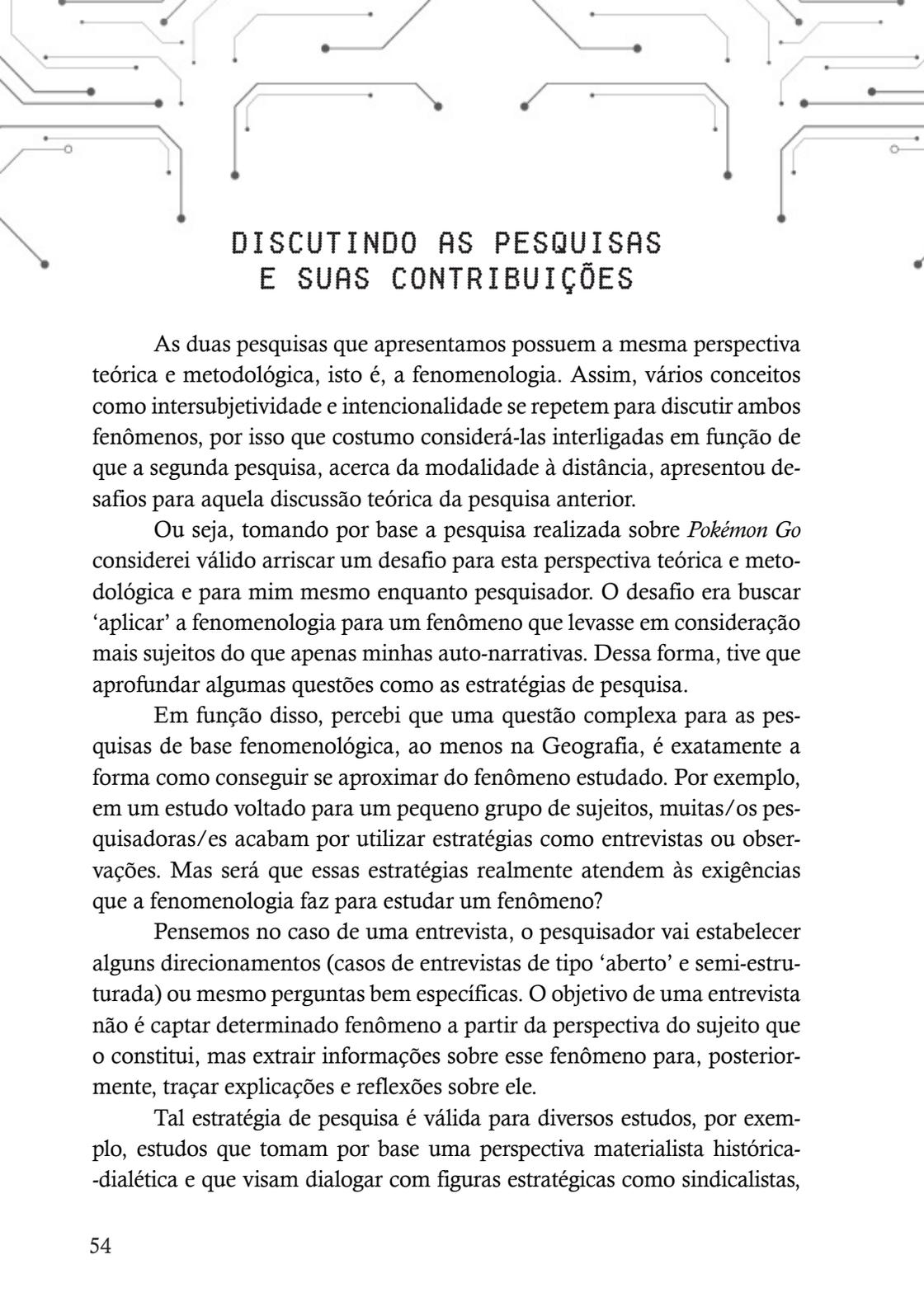
A questão da qualidade nos remete a um apontamento de Bernardes (2012) quando o autor nos indica que os usuários do ciberespaço costumam

confrontar as representações constituídas fora do ciberespaço com aquelas que se constituem a partir dele. Assim, podemos considerar que se a modalidade à distância costuma ter críticas e questionamentos a qualidade da formação oferecida, as/os estudantes a partir de suas experiências se confrontam com isso seja no sentido de afirmar a qualidade formativa seja evidenciar seu próprio esforço.

Nesse mesmo sentido é que aparecem as questões das oposições entre público versus privado e presencial *versus* à distância. É entendido que a formação é distinta seja pelos processos divergentes seja noção de qualidade. Assim, as/os estudantes buscam afirmar a qualidade de suas formações apesar das distintas maneiras através das quais elas ocorrem e em quais instituições ocorrem.

Dito isso, podemos considerar que essa espacialidade a qual nomeamos ‘espaço universitário’ enquanto um espaço que é plasmado em função da formação acadêmica, isto é, ela funciona como fio condutor, mas tal espacialidade vai além dela e agrega outras questões. Para chegar a esta compreensão, partimos da compreensão que Merleau-Ponty (2018) nos indica acerca do espaço enquanto um meio que torna relações possíveis.

No caso da educação à distância é relevante considerar que o seu ‘espaço universitário’ se constitui enquanto uma espacialidade efêmera, isto é, que se dá no momento no qual a/o estudante está realizando atividades do curso e estas se sobrepõem a outras atividades do dia a dia. Junto disso se agregam questões como as ‘negociações’ entre sujeitos para a realização de distintos projetos e a constituição de representações que temo como centralidade a noção da qualidade da formação.



DISCUTINDO AS PESQUISAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

As duas pesquisas que apresentamos possuem a mesma perspectiva teórica e metodológica, isto é, a fenomenologia. Assim, vários conceitos como intersubjetividade e intencionalidade se repetem para discutir ambos fenômenos, por isso que costumo considerá-las interligadas em função de que a segunda pesquisa, acerca da modalidade à distância, apresentou desafios para aquela discussão teórica da pesquisa anterior.

Ou seja, tomando por base a pesquisa realizada sobre *Pokémon Go* considereei válido arriscar um desafio para esta perspectiva teórica e metodológica e para mim mesmo enquanto pesquisador. O desafio era buscar ‘aplicar’ a fenomenologia para um fenômeno que levasse em consideração mais sujeitos do que apenas minhas auto-narrativas. Dessa forma, tive que aprofundar algumas questões como as estratégias de pesquisa.

Em função disso, percebi que uma questão complexa para as pesquisas de base fenomenológica, ao menos na Geografia, é exatamente a forma como conseguir se aproximar do fenômeno estudado. Por exemplo, em um estudo voltado para um pequeno grupo de sujeitos, muitas/os pesquisadoras/es acabam por utilizar estratégias como entrevistas ou observações. Mas será que essas estratégias realmente atendem às exigências que a fenomenologia faz para estudar um fenômeno?

Pensemos no caso de uma entrevista, o pesquisador vai estabelecer alguns direcionamentos (casos de entrevistas de tipo ‘aberto’ e semi-estruturada) ou mesmo perguntas bem específicas. O objetivo de uma entrevista não é captar determinado fenômeno a partir da perspectiva do sujeito que o constitui, mas extrair informações sobre esse fenômeno para, posteriormente, traçar explicações e reflexões sobre ele.

Tal estratégia de pesquisa é válida para diversos estudos, por exemplo, estudos que tomam por base uma perspectiva materialista histórica-dialética e que visam dialogar com figuras estratégicas como sindicalistas,

trabalhadores, políticos e empresários. Nesses casos, o objetivo não seria apreender a realidade a partir da percepção desses sujeitos, mas extrair de cada entrevista determinadas informações para ao fim do processo de pesquisa conseguir explicar, a partir do método, o fenômeno estudado.

As observações, por sua vez, também são estratégias válidas. Contudo, em uma pesquisa de base fenomenológica poderíamos considerar que através da observação estaríamos, na verdade, acessando o fenômeno a partir da experiência e percepção do pesquisador. Isso altera consideravelmente o quadro, pois não estaríamos nos aproximando do fenômeno através dos sujeitos que o constituem, mas de um 'outro' que chega ali com objetivo de estudá-lo.

Acerca das estratégias de pesquisa em pesquisas de base fenomenológica, vejamos o que Seemann (2013) nos diz:

Essa abordagem diferenciada também implica uma discussão mais ampla sobre os procedimentos para pesquisas, que é o terceiro aspecto que gostaria de destacar. Métodos convencionais da geografia humana como a observação participante ou entrevistas se mostraram insuficientes para revelar a complexidade das práticas sócio-culturais. Por consequência, foram introduzidos recursos inovadores: tecnologias como o vídeo para documentar pesquisas, métodos experimentais emprestados de áreas como o teatro, a coreografia ou a arte e novas formas para narrar essas experiências, não necessariamente como textos (LEA, 2009). Essas metodologias diferentes desafiam o pensamento convencional da geografia e literalmente visam ir além das representações para captar momentos que não são representáveis. (SEEMANN, 2013, p.70)

Nesse trecho o autor nos mostra a importância que tem sido, para alguns estudos geográficos que partiram de um desenrolar da própria fenomenologia e da geografia cultural, o uso de novas estratégias de pesquisas¹² que impliquem em se aproximar do fenômeno de forma mais adequada a forma como este se dá no mundo. Assim, o autor corrobora nossa compreensão acerca das estratégias de pesquisas, isto é, existe uma necessidade de pensar adequadamente as estratégias de acordo com o fenômeno e de

12 Consideramos aqui estratégias de pesquisas equivalente ao que, nesse trecho citado, o autor se refere como método. Fazemos isso por considerar método como uma perspectiva de compreender a realidade (Sposito, 2004), em suma, um método é como o materialismo histórico-dialético ou como a própria fenomenologia, uma entrevista é uma estratégia ou procedimento de pesquisa.

acordo com as ‘exigências’ feitas pela própria pesquisa teórica implicada.

Isto é, não basta construir uma pesquisa de base fenomenológica e apenas lançar mão do uso de entrevista ou observação participante sem considerar as implicações teórico e metodológicas desse uso. Por que ressaltamos isso? Porque a produção da geografia cultural, em especial de base fenomenológica, embora busque se afastar de princípios mais atrelados ao método científico ‘clássico’, precisa cumprir com certa rigorosidade interna seja para que o estudo possua validade científica seja para compreender os fenômenos em sua complexidade.

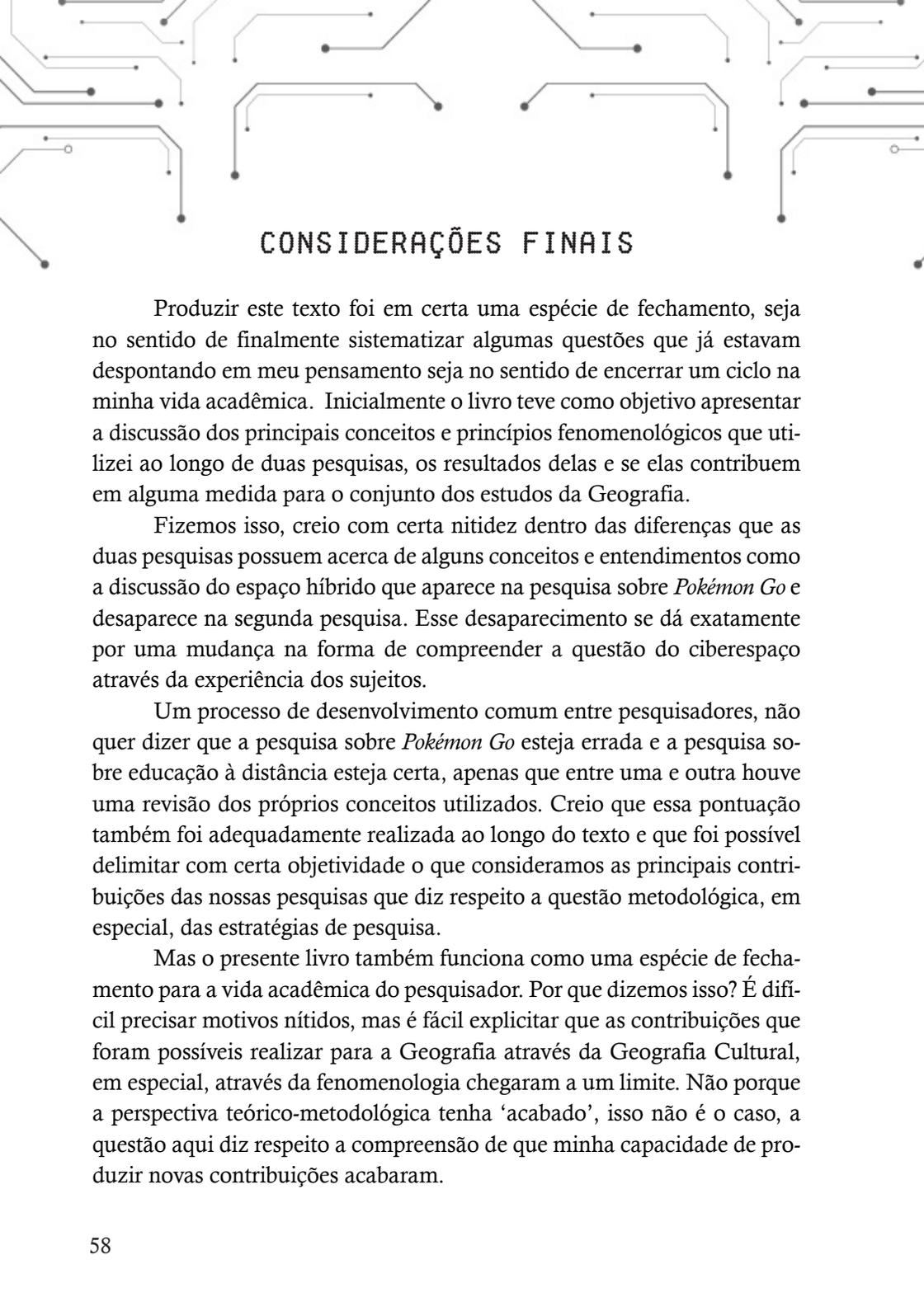
Dito isso, como as duas pesquisas apresentadas buscam realizar isso? A primeira questão acerca disso diz respeito a busca da adequação ao fenômeno. Tanto na pesquisa acerca do jogo *Pokémon Go* seja na pesquisa sobre a modalidade à distância ponderamos acerca da adequação ao fenômeno. Isto é, como este fenômeno ocorre? Quando ele ocorre? Como os sujeitos que constituem estão atuando ao longo dele? Questões como essas foram essenciais para pensarmos em estratégias de pesquisas válidas que fizessem sentido dentro desses estudos.

A segunda questão diz respeito a adequação à fenomenologia, a partir do que expomos no capítulo 1 podemos considerar que há uma centralidade nessa perspectiva de apreender o fenômeno através do sujeito que o vive e, também, que a aproximação com o fenômeno deve ser feita enquanto este ocorre. A frase de Dardel (2015) acerca de uma ‘geografia em ato’ para se referir às nossas práticas cotidianas que se constituem enquanto geográficas por essência expressa essa necessidade.

Dessa forma, tínhamos mais um motivo para evitar algumas estratégias de pesquisa como o caso das entrevistas haja vista que comumente uma entrevista se trata de um diálogo sobre o fenômeno e não durante o fenômeno. Por isso buscamos auxílio das narrativas, pois estas nos permitiram construí-las ao longo da nossa inserção no fenômeno e realizar uma ‘mistura’ de elementos dessa inserção, por exemplo, no caso da pesquisa sobre *Pokémon Go* o uso de imagens retiradas da gravação da tela e na pesquisa sobre a modalidade à distância a apresentação de falas tanto do pesquisador quanto dos participantes da pesquisa se assemelhando mais a uma conversa de fato.

A partir disso, podemos considerar que as principais contribuições que ambas pesquisas fazem para a Geografia e, especialmente, para Geografia

Cultural diz respeito a ‘aplicação’ da fenomenologia. Por que dizemos isso? Porque consideramos que foi possível em ambas pesquisas explorar com certa profundidade os princípios fenomenológicos e buscar estratégias de pesquisa que dessem conta das exigências tanto da perspectiva teórico-metodológica escolhida quanto da complexidade dos objetos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir este texto foi em certa uma espécie de fechamento, seja no sentido de finalmente sistematizar algumas questões que já estavam despontando em meu pensamento seja no sentido de encerrar um ciclo na minha vida acadêmica. Inicialmente o livro teve como objetivo apresentar a discussão dos principais conceitos e princípios fenomenológicos que utilizei ao longo de duas pesquisas, os resultados delas e se elas contribuem em alguma medida para o conjunto dos estudos da Geografia.

Fizemos isso, creio com certa nitidez dentro das diferenças que as duas pesquisas possuem acerca de alguns conceitos e entendimentos como a discussão do espaço híbrido que aparece na pesquisa sobre *Pokémon Go* e desaparece na segunda pesquisa. Esse desaparecimento se dá exatamente por uma mudança na forma de compreender a questão do ciberespaço através da experiência dos sujeitos.

Um processo de desenvolvimento comum entre pesquisadores, não quer dizer que a pesquisa sobre *Pokémon Go* esteja errada e a pesquisa sobre educação à distância esteja certa, apenas que entre uma e outra houve uma revisão dos próprios conceitos utilizados. Creio que essa pontuação também foi adequadamente realizada ao longo do texto e que foi possível delimitar com certa objetividade o que consideramos as principais contribuições das nossas pesquisas que diz respeito a questão metodológica, em especial, das estratégias de pesquisa.

Mas o presente livro também funciona como uma espécie de fechamento para a vida acadêmica do pesquisador. Por que dizemos isso? É difícil precisar motivos nítidos, mas é fácil explicitar que as contribuições que foram possíveis realizar para a Geografia através da Geografia Cultural, em especial, através da fenomenologia chegaram a um limite. Não porque a perspectiva teórico-metodológica tenha ‘acabado’, isso não é o caso, a questão aqui diz respeito a compreensão de que minha capacidade de produzir novas contribuições acabaram.

A própria proposta da pesquisa sobre a educação à distância já apareceu como um desafio no sentido de partir de uma pesquisa que teve por base minha própria experiência e adentrar um fenômeno que envolvesse diretamente outros sujeitos. Para além disso, sinto que já não seria capaz de trazer contribuições consideráveis para a Geografia através da fenomenologia, portanto, me direciono para outros fenômenos e outras perspectivas teórico-metodológicas.

Mas as questões acerca do ciberespaço através das experiências dos sujeitos e com uma apreensão geográfica persistem e precisam ser mais aprofundadas. Seja no sentido de grupos de sujeitos e comunidades virtuais seja no sentido da experiência 'individual' no ciberespaço. Quais os caminhos percorridos on-line? Quais as implicações para além do ciberespaço? São questões que podem e devem ser estudadas e descritas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.P. **A percepção da paisagem urbana de Santa Maria/RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores.** Dissertação – Mestrado em Geografia. 2007. Universidade Federal de Santa Maria. 2007.
- BERNARDES, A. H. **Das perspectivas ontológicas à natureza do inter-nauta** – contribuição à epistemologia em Geografia. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.
- BERNARDES, A. H.; SPOSITO, E. S. Internet, Ser e Espaço: Pressupostos de Fenomenologia-ontológica estrutural. **Revista Formação**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 17-27, 2009.
- BRASIL. **Decreto n.º 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2017.
- BUTTNER, A. Grasping the dynamism of lifeworld. **Journal Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 66, n. 2, p. 277-292, 1976.
- CHRISTOFOLETTI, A. **As perspectivas dos estudos geográficos.** In: . Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GIL FILHO, S. F. Geografia Cultural: Estrutura e primado das representações. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 51-59, 2005.
- HARARI, Y. N. **Sapiens - Uma breve história da humanidade.** Porto Alegre: L&PM, 2018.
- HOLZER, W. **A geografia humanista** – sua trajetória 1950-1990. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2016.
- JOHNSON-MARDONES, D. Algunas notas sobre investigación-acción como autonarrativa. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto) Biográfica.** Salvador, v. 03, n. 09, p. 860-870, set./dez., 2018.
- KOZINETS, R.V. **Netnografia** – realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: PENSO, 2014.

LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. Ciudad de México: Fundo de Cultura Económica, 1983.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011

LINDÓN, A. De las geografías construtivistas a las narrativas de vida espaciales como metodologías geográficas cualitativas. **Revista da ANPEGE**. v.4, 2008.

MARANDOLA JR., E. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 42, p. 10-43, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 5 ed. São Paulo: WMF, 2018.

MONTEIRO, J. P. de A. **Do lugar à geograficidade e à consciência geográfica**. Dissertação – Mestrado em Geografia, 2013. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2013.

MUNHOZ, P. **Canção da Terra**. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3OIsEbOdc-s>. Acesso em: 21 set 2023.

NUNES, L. B.; COSTA, B. P. O espaço híbrido em Santa Maria (RS): experienciando a cidade como jogador de *Pokémon Go*. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-20, 2022.

NUNES, L.B. **Fenomenologia e a(s) geografia(s) da educação à distância**: experiências do espaço universitário por acadêmicos em formação EAD. Dissertação – Mestrado em Geografia. 2023. Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

NUNES, L.B. **A cidade como tabuleiro de jogo**: as experiências e percepções do jogador de *Pokémon Go* no espaço urbano de Santa Maria (RS). Trabalho de Conclusão de Curso - Geografia (Licenciatura Plena). 2020. Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

PATOCKA, J. **El movimiento de la existencia humana**. Madrid: Encuentros, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Lei Complementar 042 de 2006**. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/docs/mapa_divisao_urbana.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARTORI, M.G. de B. **O vento Norte**. Santa Maria: DR publicidade, 2016.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SEEMANN, J. Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performance. **Geograficidade**, v.3, n.2, 2013.

SERPA, A. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geousp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto. 2017.

SERPA, A. **Por uma geografia do espaço vivido** – Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, C. A. F. da. TANCMAN, M. A dimensão socioespacial da ciberespaço: Uma nota. **GEOgraphia**. Rio de Janeiro (RJ), v.1, n.2, p.55-66, 1999.

SILVEIRA, D. S. **Entre o material e o virtual: A percepção do espaço a partir de Pokémon Go**. Dissertação-Mestrado em Geografia. 2019. Curitiba. Universidade Federal do Paraná, 2019.

SOUZA E SILVA, A. de. From cyber to hybrid: Mobile technologies as interfaces of hybrid spaces. **Space and Culture**. v.9, n.3, p. 261-278, ago., 2006.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. Rio Claro: Editora da UNESP, 2004.

SUERTEGARAY, D. M. Notas sobre a Epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis, n. 12, p. 1-63, 2005.

TUAN, Y.F. **Topofilia: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo, DIFEL, 1980.

TUAN, Y.F. **Espaço e lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **UFMS adota Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) durante a suspensão das atividades presenciais**. 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/2020/03/17/ufsm-adota-regime-deexercicios-domiciliares-especiais-rede-durante-a-suspensao-das-atividadespresenciais>. Acesso em: 15 mar 2023.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Base fenomenológica 5, 6, 7, 8, 10, 12, 17, 22, 54, 55, 56

C

Ciberespaço 1, 3, 6, 7, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 40, 43, 44, 45, 46,
48, 50, 52, 53, 58, 59, 62

Ciência 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 25, 35

Ciência geográfica 6, 7, 8, 9

E

Educação à distância 6, 7, 16, 17, 31, 45, 46, 47, 50, 51, 53, 58, 59, 61

Espaço 6, 8, 9, 10, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 35,
39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 53, 58, 61, 62

Espaço geográfico 8, 9, 10, 12, 13, 30, 40, 45

Espaço híbrido 30, 40, 41, 46, 58, 61

Existência humana 13, 14, 23

Experiência 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 29, 30, 31, 35, 36, 40,
43, 44, 51, 55, 58, 59, 61

F

Fenomenologia 5, 7, 8, 9, 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 34,
36, 45, 47, 48, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Fenômenos 7, 9, 11, 13, 14, 22, 23, 31, 34, 35, 36, 37, 47, 54, 56, 59

G

Geografia 1, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 17, 23, 24, 27, 34, 35, 36, 48, 52, 54,
55, 56, 58, 59, 60, 61, 62

Geograficidade 23, 39, 40, 41, 44, 61

Geograficidade híbrida 39, 40, 41, 44

Google Maps 32

H

Híbrido 30, 40, 41, 46, 58, 61

Humanidade 37, 60

J

Jogo 6, 7, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 56

M

Materialidade 17, 24, 30, 31

Meio Ambiente 9, 62

P

Pandemia 7, 32, 45

Pensamento fenomenológico 10, 11

Plasmado 10, 53

Pokémon Go 6, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 40, 43, 44, 45, 46, 54, 56, 58, 61,
62

R

Real 14, 15, 24, 25, 26

Realidade 11, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 26, 30, 31, 37, 55, 60

S

Santa Maria 6, 9, 32, 33, 34, 38, 39, 41, 44, 60, 61

T

Técnica 6, 61

Tecnologia 6, 11

V

Virtual 15, 16, 24, 25, 26, 30, 61, 62



EDITORA
SCHREIBEN